

Código de identificação do ficheiro: SRP01-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 01 lado: A min: 30-146	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A língua e a comunicação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 01	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Mai.02

INF Pois, estive na Suíça.

INQ1 Durante quanto tempo?

INF [AB|Durante{fp}] Fui lá [AB|loito] oito anos, lá.

INQ1 Mas era só...

INF Só (trabalhar) /trabalhei\ por épocas [AB|de, de co-] de cinco, seis meses. Depois regressava novamente (a) Portugal.

INQ1 E cá em Portugal, trabalhou?... Já trabalhou num sítio sem ser este aqui?

INF Tenho trabalhado aqui nas voltas de Serpa e já trabalhei em Lisboa também lá [AB|num{fp}, nu-] numas obras.

INQ1 Durante quanto tempo?

INF Ainda (eu) lá trabalhei três meses. {pp} Faz {pp} nove anos agora [AB|para] para Agosto. Fui para lá no dia seis de Agosto e depois vim [AB|em] em Outubro, {pp} nos fins de Outubro. O mais tenho trabalhado sempre aqui às voltas de Serpa.

INQ2 Olhe, mas quando estive na Suíça o que é que falava?

INF [AB|De{fp}]

INQ2 Que língua falava?

INF Eles ali no cantão donde {IP|'tivi=estive} – que chamam lá, chamam-lhe um cantão; a gente aqui é um concelho, eles lá chamam-lhe um cantão – {fp} em alemão.

INQ2 E sabe?... Mas não sabe falar alemão?

INF Oh, isso alemão, isso não é nada. Isso um homem, mais ou menos, ajeita-se é lidando com eles.

Um fulano apanha aquela..., mais ou menos, aquelas palavras. Mas dito! {pp} Agora, por ideias como eles, um homem não é capaz. {pp} Agora a gente, com a habitação de lidar com eles, {fp} ajeita-se, mais ou menos, àquilo que eles dizem; a gente começa a aprender...

INQ2 E há lá muitos portugueses?

INF Portugueses, havia muitos. Porque é{fp} um país que emigram à volta [ABlde{fp}] de cinco mil portugueses para lá.

INQ2 *E o senhor... estava mais no meio dos portugueses ou mais no meio dos?...*

INF Não. Por acaso, dentro [ABlde, de] de duas épocas {pp} não cheguei a avistar português nenhum. E depois é que calhei a avistar dois portugueses. {pp} E passado três épocas a seguir é que trabalhei junto com três portugueses.

INQ1 *Donde é que eram esses portugueses com quem trabalhou?*

INF [ABID-, d-{fp}] Os outros três portugueses eram do Algarve. {pp} Pertenciam [ABla esta {fp}] a este concelho do Algarve.

INQ1 *E ainda sabe?... Ainda sabe palavras de alemão?*

INF Não. Palavras de alemão, isso (não) é (mui) difícil{fp} (um) fulano {pp} procurar {fp} assim uma ideia.

INQ1 *Já não se lembra?*

INF Pois{fp}.

INQ2 *Como é que se diz bom dia, em alemão?*

INF Eles lá{fp} bom dia, (ele é) em alemão é {FR|gøtə'tag="guten tag"}, {pp} {FR|gøtə'tag="guten tag"}. [AB|É o]

INQ2 *E senhor, como é que se diz?*

INF {fp}

INQ2 *Senhor, quando se fala?*

INF Senhor?

INQ1 *Como é que falava com o patrão?*

INF Eles lá {CT|ku=com o} patrão é{fp} (a) "tu". Eles aplicam a palavra toda: "tu"! – {pp} {FR|tu'fraw="du frau"} ou {FR|fraw'law="fraulein"}, [AB|que é] que é rapariga nova; se for {FR|'fraw="frau"}, já é [AB|luma] uma mulher casada; {pp} e se for homem, é um {FR|bu'sew=(.../N)}. Pois. Se for pequeno, é um {FR|pøp=(.../N)}. {pp} Aquilo [ABlde] de povo para povo, mais ou menos, lá, {PH|'teẽnɜz=têm as} mesmas diferenças que nós temos cá. Eu encontrei as mesmas diferenças porque {IP|'tivi=estive} [AB|em várias] em vários povos – ouviu? – e encontrava as mesmas diferenças que nós temos cá no nosso país, assim eu encontrava lá.

INQ2 *Se calhar até mais diferenças...*

INF Ou talvez mais diferenças. Pois. Porque [AB|lo, a] o país, a Suíça principalmente, fala setenta e cinco {pp} alemão {fp} e vinte e cinco é (em) jugoslavos, é (em) italiano, é (em) espanhol, é (em) 'austriano', {fp} é (em) francês. [AB|A diferença] A diferença que dá! Ainda [AB|l muito] muito mais difícil [AB|do que] do que à gente! Porque a gente, mais ou menos, é uma pronúncia só. A diferença que temos é, de terra para terra, o mesmo artigo, [AB|lmu-] mudarmos-lhe o nome. E eles lá não. E eles lá têm [AB|lum] um idioma muito diferente. {pp}

INQ1 *Olhe, e como é que cá, as pessoas de cá chamam à, à terra?*

INF À terra, a gente aqui{fp} é o terreno.

INQ1 *Não. Mas à, à vila?*

INF Ah, à vila? É Serpa.

INQ1 *É Serpa que se diz?*

INF Pois, Serpa.

INQ1 *E o habitante? Como é que se chama à pessoa que vive cá?*

INF [AB|O...A gente] A gente aqui, o habitante, é os habitantes de Serpa.

INQ1 *Como é que se chamam?*

INF Ou sejam filhos de Serpa.

INQ1 *Não dizem numa palavra só?*

INF Pois, pois.

INQ1 *Serpense, ou?...*

INF Bom, Serpa, serpense. Isso é [AB|o{fp}] a palavra [AB|do, do] do escrito.

INQ1 *Pois.*

INF Mas a gente diz: "Olha, sou de Serpa". Pois. "Olha, [AB|so-, so-] são os filhos de Serpa" – {pp} propriamente a palavra que a gente aplica.

INQ1 *E para as mulheres?*

INF E {CT|praç=para as} mulheres, são as mulheres filhas de Serpa. {pp} A gente já não tem essa habituação de "senhora" {fp} a uma mulher.

INQ1 *Pois.*

INF Habituação de "mulher".

INQ1 *Olhe e, e à maneira de falar cá de Serpa dão, dão algum nome?*

INF O nome? O nome, mais ou menos, é o{fp} processo [AB|em que eu] em que eu mostro. Agora já se encontra aí, vá, às vezes, diferenças porque já há aí muito pessoal de vários sítios... {pp} É os que se acham mal num lado, é os que se acham mal noutra e{fp} voltam e aos depois [AB|já{fp}] lá trazem as suas criações diferentes. {pp} Pois. Mas geralmente (com) a habituação daqui [AB|dos] dos filhos próprios da terra, mais ou menos, é tudo com a habituação em que eu falo.

INQ1 *Pois, mas não dão um nome a essa maneira de falar?*

INF Pois não!

INQ1 *Mas, olhe... Conhece ali os de Barrancos?*

INF {fp} Não. Os de Barrancos não conheço.

INQ1 *Mas já tem ouvido falar?*

INF Tenho ouvido falar. Esses já falam assim uma coisa meio espanhol.

INQ1 *Como é que chama a essa fala?*

INF É o 'barraquense'.

INQ1 *Então e outras coisas... Não há aqui outras terras aqui ao pé que também... dão assim o nome, da maneira de falar?*

INF Aqui {PH|o=ao} pé {pp} só [AB|qualquer al-] aqui a Aldeia Nova.

INQ1 *Como é que chama à maneira de falar da Aldeia Nova?*

INF "E então (que) /como\ vai"?

INQ1 *E quais é que são as terras aqui ao pé que falam mais diferente de Serpa?*

INF Assim mais diferente de Serpa, que eu encontro mais diferença {pp},

INQ1 Aqui ao pé.

INF aqui próximo {fp}, é assim Pias. Tem assim um bocadinho a mais (de) diferença.

INQ1 Qual é, qual é que é a diferença que nota?

INF É [AB|uma, uma] uma pronúncia assim um bocado mais descansada.

INQ1 Falam mais devagar?

INF Falam mais devagar. Pois. [AB|Têm aquela] A pronúncia, mais ou menos é o mesmo; o que eles dão é uma pronúncia [AB|mais] mais descansada do que (é a) /a\ gente aqui.

INQ2 Olhe, e as pessoas de Baleizão falam como as de cá?

INF Não. Esses já é diferente.

INQ2 Como é?

INF Já o de Baleizão: "E como é que vai"? Pois. "E que é que tu (fazes)? Onde é que tu vais"?, {pp} "Ó {PH|'nɨɲɐ=nina}, onde vais agora"? E esses já é (os) mais rápidos. Esses já {PH|ri'pitẽw̃ɲɐ='repitam' a{fp}} pronúncia mais rápido. E dão...

INQ2 Então e os de Beja?

INF E dão assim aquela estacada. {pp} Olhe, os de Beja, quer que {PH|li=lhe} diga, há aí muitos, [AB|têm quase] nem têm quase a pronúncia como a nossa aqui, (é) mais descansada. Pois. Já o Baleizão ali, aquilo [AB|lé{fp}] é uma pancada dada assim de {pp} pedrada, a maneira [AB|de, del-] de eles falar.

INQ1 E então aqui os de?... Aqui destas terras de ao pé: de São Brás, de Santa Iria?...

INF Como isto aqui, Santa Iria, mais ou menos, é o mesmo.

INQ1 E os de Brinches?

INF E o Brinches, olhe, Brinches é a coisa que se compara aqui melhor. {pp}

INQ1 Ai é?

INF Pois.

INQ1 E os da Aldeia Nova, já disse que era diferente...

INF Pois, diferente.

INQ1 Pois. E os de Vila Verde?

INF Os de [AB|Vila] Vila Verde de Ficalho?

INQ1 Vale de Vargo, essa gente aí como é que fala?

INF Esses, mais ou menos, {PH|nũ=não} {fp} sou capaz assim de pronunciar a maneira [AB|de] da palavra deles. Isso o homem só apanha aquilo bem, às vezes, quando {IP|ta=está} assim a trabalhar com eles {pp} é que {fp} vem e é capaz [AB|de] de arremedar [AB|na] na altura. Depois, passa.

INQ1 Mas falam de maneira diferente daqui?

INF {fp} Oh, é diferente, {pp} um bocadinho diferente, sim senhor. Lá diferente falam.

INQ1 E acha que as pessoas aqui de Serpa falam de uma maneira diferente dos outros, ou não?

INF [AB|A fa-, a ge-] A gente daqui {fp} acha-se diferença, porque, quando se entra aí em qualquer casa ou numa rua, se (se) ouvir falar, a gente diz logo: "Este, por o falar, de Serpa não é"! {pp} E parte das vezes não sabe a terra que é, mas [AB|di-] a gente diz logo: "De Serpa não é"! "Só se daqui em volta"! O que se conhece [AB|mais] {fp} melhor, que a gente sabe logo donde ele é, é se for de

Baleizão. {pp} Do povo de Baleizão, se {IPti'vɛr=estiver} aqui um baleizeiro falando aí (diante) de qualquer, e (depois) a gente for a passar por uma rua, diz: "Aquele tipo é de Baleizão"; ou "Aquele senhora é de Baleizão". E já se for de qualquer das outras aldeias aqui em volta, o fulano diz: "De Serpa não é"; mas qual é a aldeia, [ABl{PHlnẽ=não} é m-] {PHlnẽ=não} é muito bom de se conhecer.

Código de identificação do ficheiro: SRP02-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 01 lado: A min: 214-310	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: O céu e os corpos celestes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 02	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ1 Olhe, e às vezes no Inverno aparece assim uma... Quando o céu está limpo, aparece assim uma claridade, com muita luz...

INF Aquele raio, aquilo a gente chama-lhe o circo {pp}, ou seja {PH|o=ao} sol ou seja à lua, que aparece tanto uma coisa como outra. A gente chama-lhe: "A lua hoje leva circo"; ou: "O sol leva circo".

INQ1 Olhe, e o circo da lua costuma servir para, para quê? As pessoas sabem?...

INF Aquilo, mais ou menos, é uma experiência que a gente tem que (em) /é\ ela levando {pp} circo {pp}, temos tendência de ser mudança de tempo, ou para frio ou para chuva.

INQ1 Olhe, e quando é, quando é na lua cheia, há uma luz assim. Como é que se chama a luz, que a lua deita, que a lua deita?

INF A luz?

INQ1 Da lua.

INF A lua? É [AB|luma, uma, uma] uma claridade. Quando está menos descoberta, é os raios que ela tem lá dentro.

INQ1 Como é que se chama?

INF É os raios-planetas.

INQ1 Está bem. Mas como é que se chama essa luz? Hoje está um grande?...

INF {IP|ta=Está} uma grande luz.

INQ1 Não dizem doutra maneira?

INF Não. O que é a gente diz assim {fp}: "[ABIHoje t- {fp} (toda)] Hoje está uma grande lua"!

INQ1 Não dizem luar?

INF Não. A gente aplica é "uma grande lua". Pois. {pp} "Porquê"? E (uma) /a\ outra pessoa pode dizer: "Porquê? Porque se vê bem, {PH|nẽ=não} vês? Sai a gente à rua de noite, parece que {IP|tẽmu3=estamos} no pino do dia"!

INQ1 Olhe, e, e também se vêem outras coisas, não é?

INF Há outras coisas que são as estrelas.

INQ1 *Uma só é uma?...*

INF Uma estrela.

INQ1 *Olhe, e uma estrela que aparece assim antes de, da...*

INF Da manhã?

INQ1 *Pois.*

INF Da manhã, chama-lhe a gente o planeta-da-manhã.

INQ2 *Chamam-lhe mesmo o planeta ou a estrela?*

INF O planeta-da-manhã. {pp} (Aqui) /Que\ a gente, [ABluns] uns é "o planeta-da-manhã" e outros costumam a dizer: "É a estrela-da-manhã"! {pp} Pois.

INQ1 *E, e há uma que aparece logo depois de o, de o sol desaparecer. Como é que se chama?*

INF Esse é a do luar. {pp} É a do luar.

INQ1 *Não. Mas uma estrela que aparece...*

INF Depois de o sol se pôr {pp}?

INQ1 *Do outro lado.*

INF Do outro lado, é{fp} 'pôr-do-ar-de-dia'.

INQ1 *Essa estrela como é que se chama?*

INF Essa estrela [ABlessa, é uma] chama-{PHli=lhe} a gente a 'estrela-do-pôr-do-ar-de-dia'. Pois.

INQ2 *...*

INF Porque [ABides-, desaparece] desaparece [ABlo] o clarão, desaparece a estrela {pp}.

INQ1 *E essa estrela da manhã não chamam outra, doutra maneira qualquer? Estrela-boieira, ou outro nome assim?*

INF Bom, isso quem tem esse hábito de chamar a estrela-boieira é propriamente quem lida com esses gados, que aquilo era um relógio que eles tinham. Que ela nasce ali às quatro horas da manhã, regulavam-se [ABlquando] quando não havia relógios. Safam à rua, se o ar estava limpo e se ela já vinha fora, (diziam): "Já cá está a estrela-boieira, que são horas de dar de comer aos bois". É essa a razão que esses se regulavam por essa estrela. Mas era [ABlesse] essa gente que tinha de dar de comer {PHloz=aos} animais porque depois às seis horas tinham que sair [ABl{CTlpra=para a}] {CTlpro=para o} trabalho e já ele os animais tinham que ir comidos. Darem aquelas rações.

INQ1 *Olhe. Pois. E há umas estrelas que aparecem... sempre todas juntas, umas ao pé das outras, não há?*

INF Há. [ABlEssas] Essas miudinhas [ABlque] que (se) chama a gente: "é o sete-estrelas".

INQ2 *É o?...*

INF O sete-estrelas.

INQ1 *E há uma que são três estrelas que também costumam aparecer ao pé umas das outras?*

INF [ABlÉ o] É o lobo...

INQ1 *São três?*

INF São três. É o lobo, é o cão e atrás o cabreiro. Pois. Que o lobo vai às cabras {pp} e depois o cabreiro {fp} 'açodia' o cão {PHlo=ao} lobo, e atrás vai o cabreiro fugindo.

INQ1 *Fugindo atrás do lobo?*

INF [AB|A] Fugindo atrás do cão, porque o cão vai à frente [AB|de, de, de] do cabreiro, e fugindo atrás do lobo.

INQ1 Para ver se o agarra?

INF Para ver se o agarra.

INQ1 Então não é, não é a fugir com medo dele?

INF Pois não. Vai a correr sempre para que o lobo não alcance as cabras {pp} que lhe dê fim delas {pp}.

INQ1 Portanto, cada estrela tem seu nome?

INF [AB|Cada] Cada uma tem o seu nome.

INQ2 E as?... E as três todas juntas como se chamam?

INF As três todas juntas, {pp} não sei, porque é uma das coisas que a gente nunca as chega a ver as três juntas. A gente vê-as sempre {pp}, por uma vida inteira, sempre com o mesmo 'despaço'. {pp} Vê-as sempre com aquele 'despaço', nem as vê mais perto, nem as vê mais longe.

INQ1 Pois.

INF Vê-se sempre com o mesmo 'despaço' {pp}.

INQ1 Olhe, e assim nas noites de claridade no Verão costuma aparecer uma, uma coisa que vai de lado a lado do céu, assim branca?...

INF Uns raios?

INQ1 Não. São muitas estrelas juntas, é assim parece leite, tudo branco... São caminhos.

INF [AB|Um] Um caminho. É. Chama-lhe a gente a estrada-de-Santiago {pp}.

INQ2 De?...

INF Estrada-de-Santiago {pp}.

INQ1 Olhe, e, e depois há outra coisa que é uma estrela que as pessoas se servem para se orientar.

Sabe como é que se chama?

INF Chama-lhe a gente [AB|a{fp}] a estrela-do-marinheiro. {pp} É a guia do marinheiro.

INQ1 Diga.

INF [AB|Quando] Quando deixar de ver aquela estrela, também [AB|de-] ele deixa-se (de) regular no mar.

INQ1 E como é que?... O que é que aquela estrela indica?

INF Do norte {PH|o=ao} sul {pp}.

INQ1 Do norte ao?...

INF {PH|o=Ao} sul. {pp}

INQ1 E o sítio de, donde o sol nasce como é que se chama?

INF A gente chama-lhe o {PH|ner'sêti= nascente}.

INQ2 O?

INF O {PH|ner'sêti= nascente}. {pp} O {PH|ner'sêti= nascente}.

INQ1 Diga lá outra vez, faz, favor.

INF A gente lhe chama o {PH|ner'sêti= nascente}!

Código de identificação do ficheiro: SRP03-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 01 lado: A min: 811-890	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A atmosfera e as condições climatéricas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 03	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ1 E, e depois quando a água fica, fica coalhada, como é que se lhe chama? Já não se chama água, pois não?

INF Não. [AB|Quando, quando] Dês que fica coalhada, a gente chama-lhe gelo.

INQ1 E quando aparece assim?...

INQ2 Chamam-lhe o quê?

INF Gelo.

INQ1 Nos tanques e na, na, por cima das folhas...

INF Isso chama-lhe a gente coalhada.

INQ1 Como é que se chamam esses bocados de gelo?

INF Esses bocados, chama-lhe a gente: "É um bocado de gelo" – água coalhada.

INQ1 Não lhe chamam doutra maneira?

INF Não.

INQ1 Caramelo?

INF Ou que seja [AB|o ca-, o cara-] isso, o caramelo. Mas a gente diz é (...): "Um bocado de gelo" – seja ele um bocado de caramelo. {pp} Isto tanto [AB|se] se aplica duma maneira como se aplica doutra. Pois. Qualquer das maneiras que uma pessoa diga para outra, percebe o que é, o que quer dizer aquilo – [AB|que se-] {pp} que seja "um bocado de caramelo", como seja "a água está coalhada".

INQ1 Pois. E olhe, e quando cai assim uma coisa branca, que tapa o chão e que fica assim...

INF [AB|I-] Isso {fp} a é chuva de neve. Pois.

INQ1 Olhe, e a chuva vem aos pingos, não é?

INF {PH|o}f=Aos} pingos.

INQ1 Pois. E, e a neve como é que vem? Já alguma vez viu neve?

INF Já. Por acaso, {pp} já caiu aqui na nossa região por duas vezes. Foi só a única vez ainda que se conheceu aqui, porque aqui para este margem não dá. {fp} Foi duma vez {pp} em 45, {pp} e parece-me que foi depois [AB|em] em 53 {pp} que caiu aqui neve. Andava a trabalhar no campo – até [AB|na,

na] na limpeza do alvoredo. Uma foi no dia quinze de Fevereiro e outra parece-me que foi [ABla{fp}] a vinte de Janeiro, se [ABl{PHlnẽ=não}] {PHlnẽ=não} estou em erro.

INQ2 Olhe, e como é que ela caía? Como é que?...

INF [ABlPrimei-] Primeiramente começou a cair em coisa pouca aquelas pastinhas. Parecia pastinhas de algodão. {pp} Aquela coisa pouca, aquela coisa pouca, e volta e meia a 'rajar' mais e a 'rajar', até que chegou a pontos... Tapou-se tudo. A gente já deixava de ver os terrenos, de se vermos uns {PHlɔz=aos} outros, já começou a cair aqueles 'trojões' grandes já eles diziam: "Tal não é os 'trojões' de neve que já cai"! Pareciam pastas de algodão, já quase tamanho da mão de um homem! (É que eles) /Aquilo\ {fp} a ficarem (ligados) um {PHlɔ=ao} outro, um homem chega a pontos que o campo põe-se tudo direito. Não se sabe por onde é que um homem há-de passar e as ruas não se conhecia nada.

INQ1 Por exemplo, quando se cai diz que?...

INF {IPlta=Está} a chover neve.

INQ1 Não se diz doutra maneira? Caiu um grande?...

INF Nevoeiro. {pp} Pois.

INQ1 Não é, não é nevão?

INF Não. (A gente, pois), "neve". "Choveu muita neve". "(Ele) choveu muita neve". "Os terrenos estão tapados de neve". Pois.

Código de identificação do ficheiro: SRP04-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 01 lado: B min: 22-61	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: Os rios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 04	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ1 Olhe, então e quando o barranco seca, depois ficam assim uns sítios onde fica a água durante o ano inteiro? Na ribeira, também...

INF Sim. Pois há. Sim, há. Pois. [ABIHá o] Há sítios que se aguenta.

INQ1 Como é que se chama isso?

INF {fp}A gente {fp} chama aquilo um pego. {pp}

INQ1 E como é que se chama à parte mais funda do pego?

INF A gente onde (chega à) /desciam à\ parte mais funda do pego, [ABla gente] a gente diz assim:

"Aqui para este lado tem maior profundidade". Pois.

INQ1 Não lhe chamam cachafundão?

INF Isso, o cachafundão, chama a gente a um sítio onde a água faz qualquer caracol, que trabalha assim por aspiração do ar, é que a gente diz assim: "Tal é aquele cachafundão que além {IP|ta=está} que além (ele) até faz caracol".

INQ1 Olhe e o sítio onde se pode passar do, um rio dum lado ao outro, sem ponte nem pedras?...

INF Sem ponte nem pedra, {fp}chamamos-lhe a gente um vau seco.

INQ1 Um?...

INF Um vau seco.

INQ2 Um quê?

INF Vau. {pp} Que temos aqui um, [ABlaqui be- {fp}] aqui bem próximo de nós. Que é {fp}

INQ1 Do Guadiana?

INF do Guadiana; (e até) em todas as estações do Verão se passa. {pp} Quase que um homem que (não) /nem\ é preciso tampouco descalçar-se. Que é mesmo o terreno ali que sobe.

INQ1 Pois.

INF Ela pode levar muita água, mas naquele sítio, quando vem aí de Agosto, Setembro, passa-se ali perfeitamente. Porque é mesmo o terreno que é alto.

INQ2 E que sítio é esse? Como é que se chama?

INF Isso fica aí em baixo. (Fica assim) /Fica-se num\ sítio, onde se junta [ABla uma] a uma propriedade {pp} que chama-se a cascalheira. {fp} Aquilo ali é o sítio [ABladonde se] adonde se passa. Noutro tempo, quando havia contrabandistas, {pp} aí é que era a passagem deles para aquele lado, para Beja. {pp} Em vindo o Verão, ali é que era a passagem deles.

INQ1 Já não há contrabandistas?

INF Isso acabou.

INQ2 Como é que é? Cascalheira?

INF Cascalheira. Uma propriedade duma cascalheira que é donde está o vau. Que [ABlaté] até o nome do vau que {IP|ta=está} registado que o povo o conhece é por o Vau da Crespa. Pois.

INQ1 E já não há contrabandistas, já desapareceram?

INF Isso desapareceu.

INQ1 E há quanto tempo?

INF Isso pode haver [ABlaí {pp}] aí questão duns dez, quinze anos que isso... Isso desapareceu, essa coisa.

INQ2 Ah! Tenho impressão que não.

INQ1 Ainda há.

INQ2 Ainda não desapareceu. Ainda há uns ciganos, ainda fazem...

INF {fp} Bom, isso já (fazem) /faz! Mas, quer dizer, já não é uma das coisas [ABlcomo] como faziam dantes. Pois.

INQ1 Onde é que eram os contrabandistas? Eram daqui dalguma terra ao pé?

INF Eram de qualquer terra {fp}. (Isso aí)...

INQ1 Não havia aí nenhuma terra que tivesse muitos, não?

INF Não, não. Isso qualquer um, porque {fp} as dificuldades da vida {fp} eram más e então iam à Espanha a ver [ABlse] se traziam (um) açúcar, ou um café, ou um toucinho {fp}...

INQ1 Mas era as pessoas que traziam para elas próprias ou era para venderem?

INF Que traziam [ABlpara] para outra pessoa [ABlque] que lhe encomendava. Pois. Que havia dificuldades no governo de vida (e iam). Mas agora não. Porque [ABlos não] não faziam ligações. Agora, agora já não faz falta: o que há num país há noutro. E se as coisas faltam, os governos mandam vir dum lado {CT|prç=para o} outro, tudo {PH|ç=aos} mesmos preços. Já não vale a pena qualquer arriscar-se a uma coisa dessas tão grandes como se eles arriscavam [ABlcomo se eles arriscavam].

Código de identificação do ficheiro: SRP05-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: A min: 41-52	Inquiridor2:
Assunto: A agricultura	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 05	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ Olhe, e um talhão, o que é um talhão?

INF {fp} Um talhão, costuma a gente a dizer um talhão de terra, chama-lhe a gente [AB|uma terra] uma terra que fica [AB|para] para obrar, para cultivar. Tanto pode ser... [AB|Para, para] O talhão {pp} pode ser [AB|para] para batata, como pode ser para semear novamente de hortaliça no outro ano a seguir [AB|de vá-] de várias qualidades. Porque a gente está a trabalhar numa horta, diz assim: "Olha, [AB|que a-] arranja-se aquele talhão daquela terra". E o patrão pode dizer... E a gente pode dizer assim: "Ó patrão, então e aquilo será para semear o quê"? "Deixar ver! Vamos arranjar aquele talhão e quando aquele talhão {IP|ti'ver=estiver} arranjado, aos depois logo se vê o que é que a gente havemos de semear. Esperamos a época". Que depois lá vêm as épocas, que depois vão a ver às vezes aquilo que mais pode produzir. Os valores! E depois lá vêm os jornais: "Ah, na época tal, se criar esta hortaliça, produz mais. Se criar a outra, pode produzir menos"...

Código de identificação do ficheiro: SRP06-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: A min: 75-106	Inquiridor2:
Assunto: A agricultura - generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 06	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Mai.02

INQ Olhe, e o terreno que não é cultivado?...

INF E o terreno que [AB|não] não é cultivado...

INQ Como é que se chama? Assim, um terreno aí...

INF [AB|Como é... Que] Que não é cultivado, chama-se um terreno inulto. {pp} [AB|A gente] A gente diz (assim): "Tal é o terreno daquele inulto {fp} que se está além abandonado"!

INQ E o terreno que serve para pastar?

INF Para abandonar, diz: "Aquilo que {IP|ta=está} além, se fosse"... Se tiver mata, diz a gente assim: "Se aquele mato fosse corto, aquele terreno produzia boas qualidades de pastagem... Que belo gado que se criava ali"!

INQ Olhe, então as folhas são divididas, não é, conforme coiso?

INF Sim.

INQ E há uma, há umas que ficam uns anos sem ser cultivadas.

INF Há umas que ficam.

INQ Como é que se chamam? Diz-se que está?...

INF [AB|Sem ser] Sem ser cultivadas, é pastagens para gados {pp} que se diz.

INQ Diz que está de quê?

INF Pois. [AB|Que está {fp}] Pastagens para gados.

INQ Não, mas... As folhas ficam de?...

INF Divididas, uma de descanso. A gente diz: "Esta fica de descanso".

INQ Diga.

INF Descanso. {fp} Aqui depois há a do descanso, que o patrão chega, vai, ou vai o {fp} feitor – que se chama (ao) /o\ encarregado geral duma casa – ouviu?...

INQ Pois. Já lá vamos então.

INF Pois. [AB|E ent-] E diz assim: "Olha, esta fica de descanso, que é para pastagem para o gado". E {CT|pa=para a} nova Primavera a seguir, depois [AB|de, de a, de o] de os prados {pp} – que

propriamente, a gente, pastagem, coiso, mas o prado, que é o nome verdadeiro (da gente), quando chegar {PH|b=ao} prado..., – depois de o prado comido dos animais, é encharruado, {pp} para apanhar o Verão inteiro aquele sol – a terra que {IP|ta=está} em baixo apanhar o sol, que é essa que vai dar depois a seara no outro ano a seguir.

INQ Olhe, e... Estar de descanso ou estar de pousio é a mesma coisa?

INF É igual. É a mesma coisa.

INQ Como é que cá dizem mais?

INF {PH|esu'poŋɐmuʃ=Suponhamos}, se {IP|ti'ver=estiver} de descanso [AB|e se não], e até pode ficar de descanso um ano, dois, o primeiro ano, a gente chama-lhe a relva. {pp} Se passar [AB|do, do] do segundo ano {CT|pra=para a} frente, já passa (a) /ao\ pousio. E já pode ser pousio uma vida inteira que assim esteja, que é sempre aquele nome, [AB|já se] já se não passa. Calhou a altura, passado três, quatro anos, {pp} foi lavrada, para ser produzida, a gente diz assim: "Olha, aquela terra já foi cultivada". {pp} Porque já levou um fabrico para ser... Embora nunca seja cultivada mais{pp},

INQ Pois.

INF para dar produto, mas já {fp} mudou o nome: "Aquele terra vai ser cultivada".

INQ Olhe...

Código de identificação do ficheiro: SRP07-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: 05 lado: A min: 115-142	Inquiridor2: André Eliseu
Assunto: Preparação do terreno	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 07	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Mai.02

INF Quer dizer, [AB]ou, ou vou, ou vou] ou vou {CT|pra=para a} mata fazer uma roça...

INQ1 E diz-me o quê? Eu não conheço essa.

INQ2 Sem ser por "fazer".

INF Pois.

INQ2 Não pode dizer: "Vou roçar"?

INF Pois. "Vou roçar", não. "Vou fazer uma roça".

INQ2 Não diz: "Vou roçar"?

INF [AB]Por-] Porque a gente {fp} diz também: "Vou roçar". E o outro pode dizer assim, a outra pessoa pode dizer assim: "Então vai roçar o quê"? Porque roçar há de muitas maneiras: há roçar a erva, há roçar o mato, há roçar uma mata [AB]de] de pinho [AB] {fp} que] que {IP|ta=está} muito basta – não é assim? – (que) pode ser aliviada, e é por essa a razão. E assim, uma roça já sabe que é só mato {pp} completamente bravo, mato que não produz. E se for para uma roça, como a gente tem este coiso, já pode ser uma mata [AB]que] que costuma-se {fp} a plantar a mata semeada de almástica, {pp} mata de eucalipto, de pinheiro, do sobro, da cortiça. E dá o caso, a gente ver que é demais, o patrão vê que é demais, para não {IP|tar=estar} a gastar mais ordenados, semeia ao moitão. E depois faz o seguinte: aquilo é marcado com umas canas, ou sejam uns paus tanchados mais altos [AB]com m-] com coisas, depois [AB]vai o, vai o] diz [AB]diz {CT|pr=para o}] para aquela pessoa: "Olhe, {IP|ta=está} a ver? Pegas [AB]nesta] nesta fouce" – chama-lhe a gente uma fouce, {fp} ou uma gadanha, com um cabo –, "olha, agora vais ganhando isto" – quando {IP|ta=está} mais ou menos desta altura –, "vais ganhando e vais deixando um aqui, outro aqui e outro aqui". Quer dizer, aquilo depois é puxado, é posto em moitão, aquilo secou. {pp} Depois de secar, eles chegam, passou-se- {PH|li=lhe} com uma máquina por cima e aquilo [AB]lestra-] estrançou. Se não querem assim, o que é que faz? Quando aquilo está seco, puxa-se para um (lar) onde o lume não chegue, dá-se- {PH|li=lhe} fogo, e aquela cinza

é espalhada {CT|pró=para o} pé [AB|da] da planta. E a terra é cavada, novamente afofada, {pp} para a planta avivar.

Código de identificação do ficheiro: SRP08-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: A min: 243-308	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A agricultura	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 08	Data da primeira transcrição: Fev.02\ Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Então e no, e no alqueve? Passam só uma vez com o, com o arado?

INF Passa-se. [AB|No]

INQ1 Ou com a charrua?

INF Não. [AB|No, no, no] No alqueve só se passa apenas uma vez. Quer dizer, passa uma vez para fazer o risco. Hum? E depois já se sabe que tem que ir fazendo com travesso para tapar.

INQ1 Como é que se chama a isso?

INF {fp} A semente. Pois. Que é a semente [AB|de] de mão, (de) semear a semente – ouviu? – e é a outra que andamos lavrando, ali. Mas é que a gente já não diz assim: "Andamos lavrando". [AB|Só se ch-] Só se chama o lavrar {pp} quando é voltar a terra e {PH|ñ=não} {IP|ta=está} lá semente. E se anda semeando, diz assim: "Então [AB|onde, onde é] onde é que tens a tua lavoura"? "Olha, (a) lavoura (é) em tal parte". "Que andam fazendo"? "Andam semeando". Diz-se: "Andam semeando". {fp} "E quantos arados trazes lá? {pp} Quantos arados trazes"? E o outro (é) assim: "Tenho lá cinco arados {pp} semeando". {pp} "Quando é que acabas"? "Acabamos sábado". Pois.

INQ1 Olhe...

INF (Aquilo é um dito). Já (se) sabe que a terra... Isto é uma tirinha e a terra tem que voltar aqui e tem que ir sempre encostando. [AB|Que a aiveca, a aive-]

INQ1 ... E isso que abre como é que se chama?

INF Um rego.

INQ1 Um?...

INF Um rego. E a terra que vai ficando a este lado chama-se uma margem.

INQ2 A parte que fica para cima, é?

INF Para cima, é uma margem. Uma margem. Pois.

INQ1 Olhe, e quando... Lavrou com bois, não lavrou?

INF Lavrou, sim.

INQ1 Às vezes quando, quando o boi... Havia um boi que ia ao rego, não é?

INF Há um que vai (ao rego).

INQ1 Quando o boi saía do rego e ficava assim um bocado de terra por lavrar, como é que se chamava a esse bocado de terra?

INF Chama-se (os regos). Chamava- $\{\text{PH}|\text{i}=\text{lhe}\}$ a gente àquilo uma loba.

INQ1 Uma?...

INF Uma loba.

INQ1 Depois tinha que voltar atrás porque?...

INF Voltar atrás novamente com o animal, tinha que trazer de volta e depois tinha que novamente cortar, passar... $[\text{AB}|\text{Se o}]$ Se aquele rego estava feito aqui, ficava este quadrado – $\{\text{PH}|\text{su}'\text{puj}\text{em}\mu\text{f}=\text{suponhamos}\}$ que era esta (loba) – (já) o homem tinha que fazer duas vezes, passar aqui para encostar, para fazer a margem seguida. Porque depois atrás vinha o encarregado, que andava a ver, diz assim: "Então, já deixaste além uma loba". Pois – (ouviu)? "E a terra $\{\text{IP}|\text{ta}=\text{está}\}$ crua"! Que a essa loba chama-se depois a terra crua. Porque a terra crua, a semente ficava ali em cima, vinha a bichareza, comia. E se ficasse com pouca terra em cima, a raiz ficava na terra que estava crua – ouviu? – e a raiz $\{\text{PH}|\text{n}\tilde{e}=\text{não}\}$ gerava e a planta $\{\text{PH}|\text{n}\tilde{e}=\text{não}\}$ se criava. E depois $[\text{AB}|\text{da se-}]$ a seara começava a crescer e ficava assim aquelas manchas na seara, tal e qual como $\{\text{IP}|\text{ta}=\text{está}\}$ estas 'nodinhas' aqui nesta mesa. E então, vá, a gente, muitas das vezes, como se calhou, como eu, como outros... Uma pessoa às vezes fica lá: "Ah, $\{\text{IP}|\text{ta}=\text{está}\}$ lá longe, passar"! Mas eles vinham vindo, vinham vindo: "Alto lá, pché! Tu é que andaste além! $\{\text{pp}\}$ Volta lá atrás! Tens que lá passar"! $\{\text{fp}\}$ (E eu: "Homessa!") Depois $\{\text{PH}|\text{kumi}'\text{sav}\tilde{e}\tilde{w}\tilde{n}\text{uz}=\text{começavam os}\}$ outros companheiros: "Eh, fulano"!... $\{\text{fp}\}$ A zangarem, a dar ferro à gente, para coisa... "Eh, fizeste isso mal feito. Não devias ter feito. (Eh, coisa) e tal"... A dar aquele ferro à gente, (para se zangar). "Eh, outra vez?! Eh"! (E logo): "O encarregado viu. O encarregado viu". " $\{\text{PH}|\text{n}\tilde{e}=\text{Não}\}$ houvera de ver"! Porque depois, se não vir, mais tarde, representa-se o patrão – a passear a terra, quando vê a seara nascida e tal, vão vendo –, vão a passear a terra com o encarregado, vão passeando, passo a passo, vão passeando... Onde quer que $\{\text{PH}|\text{e}'\text{ver}=\text{houver}\}$ esta tal dita loba que fique, que a semente não $\{\text{IP}|\text{te}\text{z}\text{e}=\text{esteja}\}$ voltada... Porque a semente caiu em cima deste assento de terra, mas essa dita terra tem que ser toda arrancada $\{\text{PH}|\text{o}=\text{ao}\}$ contrário. Tem de ficar toda em cima. Se cair terra daqui para aqui, e esta terra não ficar voltada assim, a semente não se cria bem. E assim, se a terra está aqui, o tal dito charrueco passou aqui, voltou este rego ao contrário. Se voltou aqui e a semente ficou no mesmo sítio, a semente $\{\text{PH}|\text{n}\tilde{e}=\text{não}\}$ foi mexida, a semente ali é conhecida sempre. E eles vão: "Queres ver? $\{\text{IP}|\text{ta}\text{z}=\text{Estás}\}$ a ver? Aqui onde a terra ficou crua"... Eles depois já... Depois $[\text{AB}|\text{já}]$ já não é nome de loba. Só é nome de loba quando se $\{\text{IP}|\text{ta}=\text{está}\}$ lavrando. E depois $[\text{AB}|\text{de}]$ de se voltar as costas, que eles vão ver, $[\text{AB}|\text{já}$ não se chama] já não se chama loba. Chama-se: "Ora vê! A terra aqui ficou crua! Tanto ficou crua que a semente $\{\text{fp}\}$ $\{\text{PH}|\text{n}\tilde{e}=\text{não}\}$ se cria; $\{\text{IP}|\text{tasi}=\text{está-se}\}$ conhecendo"!

Código de identificação do ficheiro: SRP09-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: A min: 357-455	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A agricultura	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 09	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Portanto, quando se vai semear, dantes não havia um?... Tinha que se fazer assim um?...

INF A marcação.

INQ1 Como é que se chamava?

INF {fp} [ABIE-] Embelgar. [AB|Embel-] Embelgação de terra.

INQ1 Portanto era?... E como é que se chamava assim esse, espécie desse corredor... chamava-se?...

INF E esse [AB|Esse da, da] da {PH|d}^1pesi=espécie} é uma mão. Uma mão. Pois.

INQ1 Portanto, assim...

INF [ABIA] As mãos.

INQ1 Pois.

INF (Porque) ficava com seis passos, que era a medida por a gente, [AB|com o sem-] com o semeador, (que) deitava a semente. Cada passo, é a mão-cheia de semente e era deitada. E então, chamava-se a gente aquilo um arco. Quer dizer, tinha que atracar os seis passos com dois arcos. A gente {pp} (amansou) o passo, cada um o passo que dá, joga aqui assim, vai nesta posição. Jogou aqui assim a mão e fez isto. Quando deu o outro passo, jogou, deitou o outro arco para aqui. Fez isto e jogou o arco assim. Chama-se isto um arco. {fp} É o espalhar da semente. E então a terra tem que ser riscada, que é (por) /para\ a gente nunca fugir daquela conta. Porque chegava a pontos que perdia o norte e acabava a pôr a semente em cima uma da outra. E assim {pp} guiou-se por o meio [AB|da] da dita mão, marcou um arco {CT|pa=para a} direita, marcou (um) /o\ arco {CT|pa=para a} esquerda e assim foi indo. Chegou à ponta, voltou novamente. O mesmo giro. Vai um fazendo esse serviço – que chama-se [AB|o] o semeador – ouviu?...

INQ1 Olhe, mas espere lá aí, já me vai dizer... Mas como é que se chamava isso?...

INF A isso? [AB|É a] É a mão.

INQ1 A mão.

INF Mete por esta mão adiante e vai semeando {pp} a semente.

INQ1 Não dizem uma belga?

INF Ou que diga, como às vezes é o hábito que a gente (se regulava): "Olha, ou meto nessa belga".

INQ1 Também diziam?

INF Também dizíamos. Ou: "meto nessa belga", ou: "meto nessa mão". Pois. {pp}

INQ1 Pois. Portanto, deitar a semente na terra é?...

INF É semear. Pois.

INQ1 Pois. Olhe, se estiver a falar com outra pessoa e diz assim: "Olha, não vais lá... Não vais semear que, que eu, que eu logo"?...

INF "Logo semeio". {pp} [AB|Muita da] Muita das vezes {fp}...

INQ2 Como? Torna a... Pode repetir, se faz favor.

INF Porque...

INQ1 "Que eu logo"?...

INF "Que eu logo semeio". Muita das vezes, se acontecia {pp} haver muito gado {pp} e o{fp} próprio homem que andava a semear andava, às vezes, estafado já –, que via-se, às vezes, custoso: quando acabava {fp} uma belga, {fp} era outro arado a voltar, a voltar, a voltar, e aquilo chegava (a pontos) estafado – e lá havia uma pessoa sempre – (era boa) de consciência, e vinha-se a altura do descanso, que aquilo ali, de duas em duas horas, davam vinte minutos {CT|pröz=para os} animais descansarem e a gente fumar um cigarro – e depois lá havia um que andava mais folgado...

INQ2 Quer?

INF Não, obrigado. Não gasto. Muito agradecido. {fp} E lá havia um que sempre andava mais descansado, porque muito diferente é... Em 'mormentes' de dias de chuva, que agora já quase que não se faz isso, assim (na enchente), mas como ela era feita aqui há anos... Dias inteiros a chover... Chama-se aquilo {pp} um (...) sementeiro, cheio de semente aqui a este ombro, um homem ali de seis, sete horas – ouviu? {pp} – [AB|lera] era de custar. E lá havia, naqueles vinte minutos que se {IP|tave=estava} de descanso, lá havia um qualquer, (dizia assim): "Pcht, ó fulano, (saia para cá aí) o sementeiro". Que se chamava aquilo um sementeiro. "Descansa lá tu aí um bocadinho que eu agora vou eu semear. Então, vou eu semear". Lá ia ele, adiantava ali {pp} três, quatro, cinco belgas, depois, pronto, agarrava-se {PH|o=ao} arado, ia a lavrar, e o outro ia novamente com aquilo... Já o outro ia um bocadinho mais descansado.

INQ1 Olhe, e as belgas eram marcadas com quê?

INF As belgas? As belgas eram marcadas {pp} com uns bocadinhos dumas canas, com – {PH|su'poŋemuf=suponhamos} – com um trapo branco, qualquer um outro papel, diferente de cor [AB|da] da terra, [AB|para] para desenhar. Conforme era... Se a terra era direita... E depois dependia da habilidade de cada um. Porque há aí alguns cá na vila, que conhecemos com essa habilidade, quase que [AB|à] à distância de duzentos {pp} metros, ou cem, se a terra fosse direita, punham uma baliza aqui e outra naquela ponta, tinha avondo. E outras pessoas com menos habilidade, já de quarenta em quarenta metros tinham que pôr {pp} umas balizazinhas, {pp} uma aqui {pp} – ouviu? – e outra aqui. Tinham que ir pondo. E depois o fulano vai, naquela posição assim, agarrado {PH|o=ao} arado e com esta mão agarrado às arreatas [AB|da] das bestas, ia seguindo. Porque isto era, {PH|su'poŋemuf=suponhamos}, {pp} a canga – chama-se a canga, que está em cima dos animais – e o

ponto tinha que ficar aqui assim {PH|o=ao} meio. O ponto tinha que bater assim. E a canga do animal tinha que passar por aqui. A gente ia seguindo, puxando o animal com esta coisa e lá ia. (...) Não se olhava {CT|pø=para o} chão. Porque aquilo era só um risquinho, não importava aquilo ficar mal feito.

Aquilo é só um risquinho que é para saber [AB|para se] para se mandar a semente à terra. {fp}

INQI Portanto, depois o semeador quando ia, guiava-se pelo risco?

INF Por ali, (pelo risco). Pois, então.

INQI Pelo risco, não é?

INF (Pela do) risco. É só já pelo risco.

INQI Pois. E, e isso era feito com, com o mesmo arado ou era com outro arado?

INF O arado é o mesmo.

INQI É o mesmo.

INF Agora havia uma diferença: o que faziam {pp} era outro mais pequenino por que {fp} favorecerem o animal e aquilo [AB|era para] era para andar.

INQI E esse arado mais pequenino não tinha outro nome?

INF Não. [AB|O{fp}] O nome era o mesmo. O que é o que podia ser é o seguinte: "Olha, [AB|fa-]avas o arado de três, ou o arado de quatro, ou o arado de cinco". É a diferença.

INQI Mesmo quando era com arados de pau chamava-lhe assim?

INF [AB|É a me-] Havia diferentes [AB|ta-] tamanhos.

INQI Mas chamavam-lhe assim, um, dois, três?

INF O um, o dois, três. Porque {PH|e'viẽw̃nu=haviam o} arado de dois, o arado de três, o arado de cinco, {CT|'kerø=que era} o maior. Daí {CT|pa=para a} frente passava a uma charrua. [AB|Já]

INQI Mas eram os arados de pau, os antigos?

INF Os antigos. [AB|E] E se fora charrueco, (era o mesmo lema), tinham mesmo [RP|mesmo] nomeação de [RP|de] aiveca.

Código de identificação do ficheiro: SRP10-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: A min: 509-545	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A agricultura	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 10	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02

INF {fp} Na sementeação {pp} de muitos, à hora [ABlde] daqueles descansos que nós tínhamos, [ABld-] aquele que não sabia, {pp} dizia assim {pp} o encarregado, dizia: "Ó rapaz, {pp} anda cá. Pega aqui [ABlno] no sementeiro e vai lá semear, que é para aprenderes, que eu te ensino". {pp} Isso era uma das coisas que a gente gostávamos, {pp} [ABlporque] para aprender. Porque eles depois diziam assim: "Vá que é [ABlpara faze-] para seres um homem, porque eu já estou velho e daqui a amanhã morro e depois não acabam-se os mestres {pp} de agricultura". Que tínhamos isso muito... Por devoção, aqueles homens de mais idade gostavam sempre [ABlde en-, de en-, de en-] de ensinar e diziam muito esta palavra: "Porque senão eu morro e logo (é) /{fp}\: desaparece. Olha, fulano já é mais velho do (que eu), e o outro é mais velho, e logo... [ABlSe] Tu tens que aprender. Anda cá!" "Oh, mas eu, (fica) mal feito, as coisas"... "{fp} Vai lá semear. Deixa. Fica mal feito este ano, o ano que (aí) vem logo fica melhor". E assim nós conseguíamos a aprender {pp} com a força de vontade. {pp} E aquele que a ideia tinha, que às vezes dependia [ABlde] das ideias de cada um (...). {fp}

INQ1 Olhe, e portanto com o sementeiro semeava-se... Dizia-se que era semear?

INF Semear. "Semear" {pp} "como deitar a semente à terra". "Vou deitar a semente à terra".

INQ1 Mas há... Pode-se... Pois, pode-se semear assim ou pode-se semear doutra maneira. Pode-se semear a?...

INF Ah!

INQ2 Semear as favas...

INF [ABlSemear a f-] Semear a fava é {PHl=ao} rego.

INQ1 Como é que isso se chama?

INF Isso chama-se semear {PHl=ao} rego.

INQ1 E quando é semear assim, diz que é semear?...

INF [ABlA] A{fp} braçado. É (ao) braçado. A gente (semear) /semeando\ assim [ABlé se-] é semear a braçado. E semear no rego, já era as mulheres que faziam isso. {pp} Isso já eram as mulheres.

Código de identificação do ficheiro: SRP11-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: A min: 556-582	Inquiridor2:
Assunto: Preparação do terreno e rega	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 11	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ Há terras que, que levam... Há certas, certas ervas, certas plantas que precisam de levar água, não é?

INF {fp} Água, pois.

INQ Pois. E outras que, que se criam mesmo em terra?...

INF Em terra quase virgem, sem precisar de água.

INQ Pois. Como é que se chama a essa terra?

INF A essa terra, a gente diz assim: "Esta terra é muito 'humidosa'! Quase que nem precisava de água"!

INQ Não. Mas não é, não é isso. Olhe, por exemplo, o milho. Há um milho que precisa de levar água, outro milho que não precisa de levar água...

INF Sim, há o milho de sequeiro, que é o milho miudinho.

INQ O milho de?...

INF O milho miudinho, que é o milho de sequeiro. (Chamam-lhe) /Chama-lhe\ a gente o milho de sequeiro.

INQ Não. Pois.

INF E há outro milho grado, que (chamam-lhe) /chama-lhe\ a gente o milho de regadio.

INQ É isso.

INF Que esse tem que levar água forçosamente.

INQ Pois.

INF Pode a terra ser muito fresca, mas se não levar uma pinguinha de água, vai abaixo, [ABInão c-] não cria bago.

INQ Pois.

INF Lança a maçaroca mas não cria bago.

INQ Olhe, e, e na terra de regadio tem que se, tem que se fazer o quê?

INF Uma terra de regadio tem que ser a terra...

INQ A terra tem que ser?...

INF A terra tem que ser arranjada [ABlcom a, {PH|o|=aos}{fp}] {PH|o|=aos} canteiros lhe chama a gente. E fazer-{PH|i=lhe} umas regadeiras-mestre. [ABIE depois]

INQ Isso é tudo é para fazer o quê? É para?...

INF [ABlPara] Para semear.

INQ Não.

INF Para o milho, regar.

INQ Para?...

INF Regar.

INQ É para regar ou para fazer a?...

INF A sementeira. Porque a terra é arranjada primeiro [ABlque seja] que seja semeada.

INQ Pois.

Código de identificação do ficheiro: SRP12-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: A min: 661-684	Inquiridor2:
Assunto: Preparação do terreno e rega	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 12	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ Portanto, mas essas pessoas que têm assim... um poço que tem mais que um dono, como é que se chama? Não, não podem regar todos ao mesmo tempo, não é?

INF Pois não. [AB|É s-]

INQ Como é que se chama... a vez de cada um regar?

INF A vez de cada um é, {PH|su'poɲɐmu]=suponhamos}, como eles disserem aqui assim: "Ouve lá!"...
 {fp} Dando-se eles bem {pp} – que às vezes, aparecem assim e depois aparecem 'arredidades'. Mas deixemos isso. Dando-se eles bem, diz assim: "Olha lá, {fp} a que horas é que tu comesas a regar"?
 {pp} "Então porquê"? {pp} "Oh! Eu queria começar – {PH|su'poɲɐmuɜ=suponhamos} – de manhã".
 "Olha lá, também faz jeito. Olha, tenho que ir fazer outro serviço – ou vou picar {pp} [AB|um] um feijão que tenho semeado – e depois tu regas na parte da manhã e na parte da tarde rego eu". E eles olham um {CT|pɾɔ=para o} outro: "Olha lá, também {IP|ta=está} bem, pronto. Fazemos assim". E assim se fica. Um rega na parte da manhã, o outro foi fazer outro serviço e na parte da parte regou o outro, {pp} o outro inquilino.

Código de identificação do ficheiro: SRP13-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: A min: 698-788	Inquiridor2:
Assunto: Preparação do terreno e rega	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 13	

INF Tira-se uma licença à hidráulica. {pp} [ABIFaz] Faz-se ali um murozito e aquela água prende-se e depois a água {pp} corre. Se puder correr sozinha, corre. Se não tiver, nessa altura é posto ali um motor e a água, com o motor, segue [AB|{CT|pró=para o}] {CT|pó=para o} serviço adonde faz falta.

INQ Olhe, mas...

INF Chama-se aquilo uma presa.

INQ Pois. E nas hortas costuma haver uma, uma outra coisa, não é?, em vez, em vez de ser...

INF {fp} [AB|Da] Fora (de) águas? [AB|de-] Em água?

INQ Pois, assim um...

INF [AB|Há] Há (o) coiso a que chama-se uma nora. {pp} [AB|Que isso]

INQ Não. Pois. Espere, isso é outra coisa. Não. A...

INF Há o tanque. {pp} (É) /Há\ o tanque, que é para juntar a água.

INQ Pois.

INF Porque, geralmente, nas hortas, sempre fizeram assim. Faziam... [AB|F-] Quer dizer, faziam assim {pp} quando não havia os motores.

INQ Pois.

INF Hoje já há motores, já {PH|nẽ=não} {IP|tẽ=estão} com esse processo. Mas quando não havia motores, buscavam sempre mais ou menos o tanque onde as águas depois saíssem dali sozinhas para regar o terreno todo. Mas agora, como já há motores, já {PH|nẽ=não} estão com isso. Fazem [AB|lum] – chamam- {PH|li=lhe} eles agora – uma pieta em ponto moderno, pequeno – um tanquezito pequeno, que a gente chama- {PH|li=lhe} uma pieta –, {PH|su'poɲemuf=suponhamos} com um metro ou dois quadrado, para aí com um metro de fundo. Esse dito motor lançou lá a mangueira, {pp} vai correr por o terreno adiante... As mangueiras [AB|de] plásticas, como há hoje com bastante abundância, para aí, conforme lá cai, assim vai correndo, vai alagando a outra terra, a outra, [AB|por a-] por adonde faz falta.

INQ Olhe, e a água, portanto, está dentro no tanque e sai. Sai por onde?

INF Quando sai dali, vai a correr por a terra. Chama-se aquilo uma regadeira-mestra. Pois.

INQ E depois da, da regadeira-mestra o que é que sai?

INF [ABlEntr-, entr- {fp}] Entra {CTlpraz=para as} outras.

INQ E como é que chamam o?...

INF Chamam-se [ABla{fp}] as serventias. Pois.

INQ Mas como é que?...

INF [ABlQue é, que é, que é para] Que é para dar água às plantas {pp} que se {IPltũw=estão} a criar.

INQ Também se chama uma regadeira?

INF Uma regadeira à mesma.

INQ E as outras mais pequeninas também?

INF Uma regadeira à mesma. Com (a) diferença que a outra mais pequeninas é a regadeira do cantão e as outras são as mestras. São as que vão dando a água [ABl{CTlprɔ=para o}] {CTlprɔ=para os} filhos de lado.

INQ Pois. E aquela grande?

INF Aquela grande [ABlé uma{fp}] é uma regadeira-real. {pp} Pode haver uma regadeira desta sempre em volta desta mesa, [ABlque é o] {pp}

INQ Pois.

INF que é [ABlo] a horta que está ali, é a regadeira-real. Se a regadeira estiver...

INQ Às vezes até é assim de tijolo, não é?

INF Pois. Muitas feitas de tijolo; e outras {pp} são feitas só no Verão, quando faz falta, só na terra.

INQ Pois.

INF (Abre-se-o) /Abre-se\ com uma enxada, o fulano vai puxando dum lado, puxando doutro, depois bateu, bateu, e a água começa a fazer aquele 'liso' por baixo e 'liso' por baixo, pronto. Vem-se {PHlɔ=ao} Inverno {pp},

INQ Não se diz o rego?

INF aquilo desmanchado. Não. Aqui já não é o rego. É sempre uma regadeira. Pois.

INQ Pois. Olhe, e portanto, quando se quer mudar a água dum, numa regadeira para outra, o que é que se, o que é que se vai fazer?

INF A gente diz assim: "Olha, [ABlv-, v-] vais mudar a água [ABl{CTlpa=para a} r-] {CTlpa=para a} outra regadeira pequena, ou {CTlpa=para a} regadeira do meio, [ABlou {CTlpa=para a}] ou {CTlpra=para a} segunda, ou {CTlpa=para a} regadeira curta"... Porque conforme são depois (as distâncias)... É que depois aqueles nomes põe a gente, põe a gente para quando tem outro homem que manda fazer as coisas, para saber {pp}, sem ir lá {PHlɔ=ao} pé, [ABla{fp}] a dizer-lhe onde há-de fazer.

INQ Pois, pois.

INF "Vai lá e mudas {CT|pa=para a} regadeira pequena, {CT|pa=para a} regadeira curta, {CT|pa=para a} regadeira [AB|do, do] do cantão, lá [AB|do] daquele canteiro [AB|do] do feijão, {CT|prɔ=para o} canteiro do milho"...

INQ Pois.

INF {fp} "{CT|prɔ=Para o} canteiro [AB|da] da couve, {CT|prɔ=para o} canteiro do melão"... E então, é assim aquelas (.../N) para já o fulano que anda a trabalhar por conta desse tipo de patrão, já sabe o que vai fazer, sem o patrão precisar de ir lá {PH|ɔ=ao} pé dele.

INQ Pois. Olhe, e com que é se, com que é que se muda a água?

INF Se muda a água com uma enxada.

INQ Não, mas o que é que se põe na, na regadeira?...

INF (Madeira.) [AB|Cha-] Chama-se aquilo uma presa – (não vês)?

INQ Aquele monte de terra...

INF Aquele monte de terra chama-se-lhe uma presa.

Código de identificação do ficheiro: SRP14-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: B min: 280-384	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A ceifa e a debulha	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 14	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 O homem que anda a fazer a aceifa, diz que é um?...

INF Um ceifador. O que anda ceifando chama-se um ceifador.

INQ1 E uma mulher?

INF E uma mulher, o nome, é igual.

INQ1 Como é que é? Não se diz?...

INF {fp} Uma ceifadeira: "Olha, é uma mulher que anda a ceifar". Pois. A diferença, o nome é em fêmea mas (substitui, e é) o mesmo sentido. Pois.

INQ1 Olhe, e com o que é que se ceifa?

INF Com uma fouce. {pp}

INQ1 E não, para se... Para proteger os dedos, o que é que?...

INF (Para) se protegerem os dedos, é uns canudos. {pp}

INQ1 De cana?

INF De cana, sim senhor.

INQ1 Olhe, e como é que se chama assim a porção de trigo que um, que um ceifador?...

INF [AB|A porção] A porção de trigo chama-se-lhe... {fp}

INQ1 Que agarra com a mão?

INF {fp} Que a mão... É a mancheia.

INQ2 Olhe, e isso é num, num ceifador, não é?

INF Sim senhor.

INQ2 Mas uma, uma ceifadeira?

INF Ceifadeira, pois, que é (o) ceifador... Pois claro, (ele é uma) ceifadeira porque é em fêmea...

INQ2 Mas as mulheres, a mancheia das mulheres é mais pequenina?

INF Mais pequena, sim.

INQ2 Como é que lhe chama?

INF {fp} Uma mancheia, porque a gente dá-lhe a mesma coisa. O que é que... Tanto que isso (se) às vezes há homem que faz a mancheia pequena, {fp} vai logo o outro, o encarregado que anda atrás ou assim: "Caramba, fazes uma mancheia que parece a mancheia duma mulher, homem! Não admira uma mulher fazer uma mancheia pequena porque tem a chave da mão pequena. Agora tu que tens [ABla chave] a chave da mão grande e fazes uma mancheia pequena". Porque {pp} eles, as habitações [ABlido, de, do en-] do ensino, era a gente fazer a mancheia grande. {CTInε=Não é}: dá-{PHlli=lhe} um golpe, põe no chão, dá-{PHlli=lhe} (outro) um golpe, põe no chão. (A gente não). O dado do preceito é a gente dar dois golpes, chegam-se os dois golpes, encheu a fouce – ouviu? – e deu o primeiro mantulho. Pega aqui numa coisinha assim, com este dedo – (que me) ensinaram: "E faz isto" – e (prendo-o) aqui debaixo deste dedo. [ABlChegou à] E a ponta {fp}... O trigo ficou assim um bocadinho assim fora, aqueles bocadinhos que sobraram. Deu outro golpe, deu outro mantulho e depois deu outro golpe, {PHlɔj=aos} três golpes {fp} e já não deu mantulho nenhum. Já não (se) fez mais (enrolo) nenhum, que a mão não dá. Levou, deu o último golpe e apanhou assim com a fouce; agarrou a semente assim, com a fouce pôs isto. Chegou ali, voltou assim. Não (me) põe esta parte que {IPlta=está} desatada... Não põe, não põe para baixo. Não é o preceito. O preceito é voltar a mão assim ao contrário. A gente com a mão – isto é a espiga – faz assim, zás, voltou {PHlɔ=ao} contrário, porque a manchinha que {IPlta=está} desatada, que não {IPlta=está} {pp} ligada, ficou para cima. Porque há outra... Atrás vem (um) outro companheiro ceifando, põe {PHlɔ=ao} contrário e aquela... Quer dizer, [ABlque a] que as duas manchinhas, dum e doutro, que {IPltẽw̃=estão} desatadas ficam entremente as duas que {IPltẽw̃=estão} atadas. Está a perceber?

INQ1 Pois, pois.

INF Assim é que...

INQ2 Também lhe chamam mancheia ou manchinha?

INF [ABlÉ uma] Pois, sim senhor.

INQ2 Não é... Quando as mulheres andam a ceifar não chamam manchinha àquilo que elas apanham?

INF Pois. Uma manchinha! Pois. E elas é uma manchinha, porque {fp} já se sabe: uma mão, chave da mão pequena.

INQ2 Pois. Foi o que nós encontrámos também em Peroguarda, uma senhora que nos disse, que era uma ceifadora... Uma ceifadora, o que ela apanhava era uma manchinha, não era uma mancheia.

Mancheia era dos homens. E o senhor Armínio também nos disse a mesma coisa...

INF Pois. (...)

INQ1 Portanto, a das mulheres chama-se uma manchinha?

INF Uma manchinha. (Pois.)

INQ1 E a dos homens? Uma mancheia?

INF Uma mancheia.

INQ1 Então afinal sempre há...

INF Pois.

INQ1 Bom! Então e depois como é que se chamam esses montes que se vão fazendo?...

INF [ABIEsses] Esses montes, chama-se [ABlo{fp}] o casar [ABlda, da] da semente. O casamento da semente.

INQ1 Mas e depois, e como é que se chama esse monte? É uma?... É, é um?...

INF [ABIÉ um{fp}] É o casamento da semente, [ABlum man-, man-] um mantulho de semente.

INQ2 Mantulho?

INF Mantulho da semente.

INQ2 Mantulho.

INF Da semente.

INQ1 E depois esses, esses mantulhos são, são...

INF Aos depois são apanhados e são [ABlpostos -] feitos então num molho. Que (ao) depois andam homens atrás apanhando. E com duas pernas, duas partes [ABlda] da semente, da parte que está corta, são – a parte das espigas – atadas e com uma parte de cada lado adonde foi corta – ouviu? – é que se mete ali a semente e depois novamente [ABIé] é atada. E ou pode ficar deitada, como pode ficar de pé – ouviu? Chama-se então já um molho.

INQ1 Pois. E esses molhos depois são todos juntos, não são?

INF E (ao) depois são todos juntos.

INQ1 Como é que se chama?

INF Depois de todos juntos, é uma moreia. {pp}

INQ1 Pois. E, e ... Já transcreveste isso? Pois. Um só é um, um molho. E dois?

INF E dois{fp}, faz dois molhos. {pp}

INQ1 E?...

INQ2 Olhe, e uma gavela o que é?

INF [ABIUma ga-] Uma gavela? É um molho que está feito, {pp} e fica mal feito, e tem uma mancha de semente que fica fora, {IP|tasi=está-se} quase safando desta parte do atilho que se põe {PH|o=ao} meio, e{fp} a gente diz assim: "{PH|nã=Não} vês essa gavela da semente que está aí a safar-se do molho"?

INQ2 Ah!

INQ1 Está tudo? Uma paveia. E uma paveia?

INF Uma paveia? Uma paveia é do grão; ou seja o tal chícharo!

INQ1 Pois.

INF Se é apanhado assim à mão, que a mulher apanhe, se não é ceifado – ouviu? –, é apanhado e depois forma-se assim em redondo. E isso então é que se chama uma paveia. Como seja a fava {pp} que se ceife {pp}, também vão ficando em paveia. Mas com a diferença que a fava já, depois, já [ABlpassado]... Ceifadas, quando {IP|tẽw=estão} já secas, faz-se novamente em molhos também.

Depois [AB|já passa] já deixa de ser paveias para molhos.

INQ1 Pois. Então a paveia é assim no chão, em redondo?

INF A paveia do grão, o coiso é{fp} em redondo. [ABIE] E as favas, chama-se paveia à mesma, mas com (a) diferença: [ABlnão] não se põe em redondo; ficam com o comprimento porque aquilo depois é

para ser novamente atada quando {IPIta=está} enxuto. Porque a fava é ceifada sempre verde {pp} – um bocadinho verde.

INQ1 Pois.

INF E então primeiramente ficou no chão assim às manchinhas, e depois são as paveias. E depois é que se junta tudo num molho. E o grão não, porque o grão e o chícharo é apanhado completamente seco.

Portanto, [ABlvão as] as mulheres vão apanhando {pp} e vai-se logo carregando e vai-se debulhando. E a fava já tem que {IPItar=estar} ali um mês ou dois à espera que elas acabem de enxugar, porque, se for atado, {pp} apodrece.

INQ1 Olhe, e, e com o que é que se atam os molhos do trigo?

INF Do trigo? Com a própria semente.

INQ1 Como é que se chama?

INF Chama-se um atilho.

INQ1 Olhe e depois como é que se chama àquilo que fica... Depois duma seara ceifada, o que é que fica?

INF Ceifada, chama-se-lhe o restolho.

Código de identificação do ficheiro: SRP15-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: B min: 476-496	Inquiridor2:
Assunto: A ceifa e a debulha	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 15	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ Isto aqui? Conhece isso?

INF Isto aqui já, mais ou menos, {PH|nẽ=não} havia no meu tempo mas ainda vi, se não estou enganado, que isto era [AB|para] com o que se batia o centeio.

INQ Como é que se chama essa?...

INF [AB|Con-, con-] O nome disto é que [AB|nã] já não [AB|nã] vem [AB|na minha] na minha idade. E porque, quer dizer, e podia ter 'ouvisto', muita das vezes, ainda ter assim o nome – não viu?

INQ O malho?

INF [AB|Sei que] Sei que isto que era com o que se batia o centeio; com o que eles debulhavam o centeio era com isto. {pp} Pois.

INQ O malho, não era?

INF Não sei lá [AB|lo] a certeza também do nome, também não digo. Sei é de real certeza [AB|que isto] que isto era com o que se eles (batiam) /batia\ o centeio, porque as palhas eram aproveitadas {CT|pɔf=para os} colchões, {CT|pɔz=para os} enxergões, {CT|praf=para as} camas. E então punham-no além, uhm?!, [AB|e, e] e um segurava e o outro batia só na parte da espiga que o centeio saía e a palha ficava toda boa. Que depois as palhas novamente eram vendidas {pp} {CT|pɔz=para os} enxergões [AB|para] {CT|praf=para as} camas, {CT|'kerɐ=que era} o que se usava noutro tempo. Não é como agora, já há a tal... Há o escuma e essas coisas, e isso desapareceu. Já (é) os colchões diferentes; as camas já são diferentes.

INQ Olhe, e não sabe o nome das partes disso?

INF Agora as partes e os nomes disso, já não. Isso [AB|já não] já não havia no meu tempo.

Código de identificação do ficheiro: SRP16-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: B min: 499-571	Inquiridor2: Manuela Ferreira Barros
Assunto: A debulha	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 16	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Olhe, depois o trigo, passava-se com o trilhio, ou com as bestas, fosse o que fosse, não é?

INF Fosse o que fosse.

INQ1 E, e depois ficava o grão separado da palha, não era?

INF Ficava {pp} separado {pp}. Levava umas quantas voltas.

INQ1 Pois.

INF Depois levava primeiramente ali um bocado, uma hora ou duas, conforme se via. Por sua vez, o encarregado dizia assim: "{fp} Vamos meter as pontas para dentro". Aquilo {pp} chamavam-se "as pontas para dentro" porque aquilo (dos) animais – ou fosse [ABlcom{fp}] com o trilhado –, aquilo começava a sair para fora. Lá ia a gente [ABlcom uma] com uma forquilha...

INQ1 Com uma?...

INF Com uma forquilha. Pois. Com quatro dentes...

INQ2 Com uma?...

INF [ABIE a] Uma forquilha. E então, empurrava-se assim. Chamava-se as pontas para dentro, (rodava-se) à roda. E depois [ABlcom uma] com uma vassoura, varria-se o trigo sempre assim para dentro, a varrer.

INQ2 Mas quando varria o que é que diziam? Estavam a quê?

INF {fp} "Vamos varrer o solo".

INQ2 Era assim que diziam?

INF Varrer o solo. "Vamos lá varrer o solo".

INQ2 Não diziam doutra maneira?

INF Pois. E como: "Vamos lá meter as pontas para dentro".

INQ2 E não diziam acoanhar?

INF Não, não. [ABlAli {fp}] Aqui [ABlera] era varrer.

INQ1 Isso é depois.

INF Pois.

INQ2 Depois do...?

INF Era varrer. Depois daquilo, [ABlse] dava-se volta. Chegava, a gente pegávamos na forquilha, começava-se numa ponta, começavam a voltar. Iam voltando. Lá voltava, até que o voltava todo. Voltava-o todo, os animais começavam a trabalhar (normalmente). Quando via que estava completamente já todo bagulhado – ouviu? –, o que é que se fazia? Atirava-se a palha {PHl=ao} ar.

INQ1 Como é que se chamava isso?

INF {fp} "Vamos limpar". {pp} Joga-se a palha contra o vento. Se o vento está aqui, a gente leva a forquilha a este lado e joga-o para aqui. Porque o bago vai para aquele lado [ABLe a] e a palha avoa [ABlpara] {CTlpra=para a} frente. E então tem de se começar: se o vento está deste lado, a gente começava a jogar a palha {PHl=ao} ar deste lado, que é {CTlpra=para a} ir levando sempre para diante, sempre para diante. Quando chegava aqui {pp} a esta ponta, já o que vinha ficando atrás {IPltave=estava} limpo. {pp} Ficava limpo. Depois de estar limpo, junta-se, vamos fazer {pp} num monte.

INQ1 Pois.

INF É um monte. Faz-se (um moitão)...

INQ1 Portanto, já, já tinha dito...

INQ2 Que é?

INQ1 Portanto, o grão ficava separado do quê? Ficava dum lado o grão...

INF [ABlDa, s-] Separado da palha, porque o vento [ABlé que a] é que a levava.

INQ1 Pois. E, e depois ficava assim uma espécie dum pó...

INF (E) fica.

INQ1 Como é que chamava assim aquele...

INF Aquele pó, aquilo é (a) moinha. {pp}

INQ2 ...

INQ1 Ah! Pois.

INQ2 ...

INQ1 E o pó que ficava na eira, como é que se chamava?

INF Aquele pó? {pp} Ficava na eira? Bom, aqui a gente, mais ou menos, é o pó e depois [ABlquando] quando estava junto [RPlquando estava junto] é que saía outro, chamava- {PHlli=lhe} a gente as moinhas. Pois.

INQ2 Então e esse pó, também não era limpa?

INF [ABlPorque a] {pp} {fp} Era limpo também. Isso também saía novamente depois {PHl=ao} vento; saía tudo fora parte.

INQ1 Pois, e, e...

INF Porque isso é que é a tal moinha, que é a tal camisa [ABlque estava a] que está segurando o baguinho de trigo, que é a tal camisa que segura o bago de trigo. Que é isso depois, no fim – que aparece toda junta no fim – [ABlum, que] que lhe (se) chama a gente a moinha. {pp} É a moinha que é só [ABla] a própria {pp} camisa [ABldo] do baguinho de trigo, onde o bago de trigo foi criado.

INQ1 Pois. E isso era junto com quê?

INF Isso depois tirava-se com uns ancinhos. {pp} Com o tal ancinho (talvez)...

INQ1 Mas isso para ser apanhado já não podia... Isso era limpo, não era?

INF Era limpo. Que o vento é que ia soprando e a gente ia puxando.

Código de identificação do ficheiro: SRP17-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: B min: 658-730	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A ceifa e a debulha	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 17	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Sabe o que é o?... Não usam a palavra crivo?

INF [ABl{fp}Os] Os crivos é o que se metiam debaixo. Pois. Isso é os crivos, que aquilo [ABlsa-] são móveis: tiram-se e põem-se. Pois. Se for para se [RP]se} {PHl|i=lhe} fazer (um) seleccionamento de fava, tem um crivo de um tamanho; se for seleccionar o trigo, se quiser aproveitar trigo miúdo, {fp} tem um tamanho; se for aproveitar só o grado, [ABltem ou-] tem outro tamanho.

INQ1 É a rede, não é?

INF É a rede, pois, que é o tal crivo – por isso é igual.

INQ1 Portanto chama-se o quê?

INF Um crivo, ou seja a rede. {fp} O que tem é as dimensões diferentes [ABlconforme] conforme {fp} [ABla] a {PHl|pi|v' mēti='espelhamento'} que queiram fazer da semente.

INQ1 Pois. Olhe, e portanto?...

INQ2 Para medir o trigo, como é que era?

INF Para medir o trigo era uma deca. {pp} Uma vasilha que (se) chamava-se uma deca.

INQ1 Quantos alqueires eram?

INF [ABlUma] {fp} Mais ou menos [ABluma] a deca [ABlestá] estava completa por [ABlpor vinte] ou vinte quilos ou vinte litros, ou fosse uma de dez. {pp} E havia um alqueire, que isso é mais antigo, esse levava treze.

INQ1 Olhe, e portanto aquilo é uma caixa, não é?

INF É uma caixa quadrada.

INQ1 De quê? De madeira?

INF Em madeira. Em madeira é [ABlquando] quando o raso tem uma asa de cada lado.

INQ1 Pois. E depois aquilo é?...

INF [ABlÉ{fp}] É arrasado [ABlcom] com um pau que chama-se uma rasoira.

INQ1 Pois. A rasoira serve para?...

INQ2 Uma?...

INF A rasoira. Uma rasoira.

INQ1 Serve para quê?

INF {fp} Para arrasar {pp} a deca, {pp} ou seja, arrasar um alqueire. Que o pau é redondo, fica-lhe para aí uns cinco centímetros de sobra de cada lado, que é para arrasar [ABlo fr-] o friso [ABlda] da medida.

INQ1 Pois. Olhe, e, e depois o trigo ia para dentro de quê?

INF Duns sacos.

INQ1 Um só é um?...

INF Duns sacos...

INQ1 Um só?...

INF Um só?

INQ1 É um?...

INF Um saco.

INQ1 Pois. E depois, e da eira ia para onde?

INF Da eira, claro, da eira vai {CT|prɔ=para o} saco, e do saco {pp} carrega-se para cima do carro, e do carro vai {CT|prɔ=para o} monte.

INQ1 E lá no monte guardava-se aonde?

INF E no monte guardava-se no celeiro.

INQ1 No?...

INF No celeiro.

INQ1 Pois. E, e às vezes as pessoas tinham assim, tinham pouco trigo ou isso, tinham assim umas caixas de madeira grandes, como é que se chamava?

INF Eram [ABlumas] umas caixas {pp}

INQ1 O trigo que se guardar...

INF {CT|pɔʃ=para os} que se (guardava) /guardavam), pois.

INQ1 Como é que se chamava isso?

INF Pois, as caixas... {pp} Umas arcas!

INQ1 Uma só é uma?...

INF {fp}Uma arca. Ou as arcas.

INQ1 E umas que eram metidas na parede, como é que se chamava?

INF Eram as arcas metidas na parede, ou fosse outras fora, que [ABleram em] era em madeira, móveis.

INQ1 Uma tulha?

INF Uma tulha, que é medida [ABlna] na parede, [ABlsa-] são as tulhas [ABlda] da coisa, [ABlda] da parede. E se fosse as outras, como eram móveis, {pp} eram as arcas, porque se moviam; outras vezes emborcavam-se para se limpar.

INQ1 Pois. Olhe, e, e a... e a palha que fica na, na eira, o que é que se faz? Depois também vai para?...

INF A palha que se fica na eira, [ABlse tiver] se tiver cómodo debaixo de telha, chama-se um palheiro.

INQ1 Chama-se um?...

INF Um palheiro.

INQ1 Pois. Se...

INF [AB|Vai p-] Vai {CT|pró=para o} palheiro. E se não tiver, faz-se uma serra.

Código de identificação do ficheiro: SRP18-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 05 lado: B min: 739-771	Inquiridor2:
Assunto: Os cereais	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 18	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ Olhe, e portanto, já falámos ainda há bocado quando estivemos a falar no regadio, o que é que era um que havia de regadio e um de sequeiro, um que era miudinho e o outro?...

INF É o milho. O milho miudinho.

INQ Pois. Olhe, o milho dá assim umas coisas em cima, como é que se chama?

INF A flor.

INQ Como é que se chama a flor do milho?

INF É aquela, a [ABlfa-] flor... A barba!

INQ Não é a barba do milho.

INF Ah! A flor do... [ABIÉ a] A barba é outra coisa que fica na maçaroca. {pp} Não é flor... {pp}

Uma espigada?... O milho está... Espigada, ele não é. Um homem às vezes... Assim, de repente, às vezes... Um homem quando {IP|ta=está} a lidar com as coisas, tudo, tudo lhe vai ali à medida. {pp}

[ABIA maça-] A maçaroca, o espigo... {pp} A bandeira! A bandeira – (percebes)? A bandeira do milho.

Código de identificação do ficheiro: SRP19-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: 06 lado: A min: 400-526	Inquiridor2: André Eliseu
Assunto: A horta e os produtos agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 19	
Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02	

INQ1 Mas há pessoas que têm em casa, que não precisam de ir à praça.

INF Há pessoas que têm.

INQ1 Têm o quê?

INF Têm... Chama-se aquilo um alegrete

INQ1 Um alegrete?

INF [AB]adonde se] adonde se semeiam qualquer temperos que se possam pôr [AB]na, na c-] na comida.

INQ2 Olhe, ainda há bocado disse que as noras estavam aonde?

INF As noras? Nas hortas.

INQ2 Uma só é uma?...

INF É uma horta.

INQ1 Olhe, e as coisas, plantas, quando são muito pequeninas, que é preciso para, para as plantar...

INF A plantar. Chama-se: é uma almástica.

INQ1 E quem é?... Quem é que trata das hortas?

INF Das hortas, são os...

INQ1 O homem que trata da horta...

INF O homem da horta chama-se um hortelão.

INQ1 Se forem dois, são dois?...

INF São dois hortelões. [AB]Uns {CT}pró=para o]]

INQ2 Um só é um?...

INF São dois hortelões. {pp}

INQ2 O homem que anda na horta é?...

INF É{fp} hortelão. {pp} Que faz ser um como mais.

INQ2 Pois. E dois são dois?...

INF São dois. {fp}

INQ2 Dois quê?

INF [ABIDo-, d-] Dois homens que trabalham na horta. Porque [ABlhá, há há] há diferença: {pp} aquele próprio que seja dono, ou que seja rendeiro, e que tenha homens a trabalhar, esse é que se chama o hortelão próprio. Quer dizer, o responsável, que é o usufrutuário daquilo, {pp} é que se chama o hortelão próprio. E os outros que lá trabalham, é assim: "Trabalho na horta {pp} do meu patrão. Eu trabalho na horta. [ABIE o ho-] E o hortelão é fulano". A gente diz assim: "Então trabalhas [ABlna] na horta, quem é o hortelão"? "O hortelão {pp} é fulano". "Assim {IPlta=está} bem". E já {PHlnã=não} é ele que é hortelão, que trabalha... Até pode o hortelão não trabalhar, mas o que é o usufrutuário [ABlde] da fazenda, que seja dono, que seja rendeiro, esse é que tem o nome [ABlde hor-] de hortelão. Os outros é: "Trabalho na horta". Pois.

INQ2 Pois. Mas dois, duas pessoas que sejam donos da horta, como é que se chamam?

INF Se forem donos da horta, são (ambos dois) hortelões. Pois.

INQ1 E se for uma mulher?

INF E se for uma mulher, é uma horteloa.

INQ1 Olhe, e na... E portanto, na horta, o que é que se cultiva?

INF As hortas, cultiva-se {fp} a couve.

INQ1 ... Espere aí. A couve.

INQ2 Cultiva-se a?...

INF A couve.

INQ1 Se for uma couve pequenina, como é que lhe chama?

INF É um repolho. {pp} Se for grande, é uma couve grande, não é assim? Conforme as qualidades. Isso depois depende da qualidade. Isso depois os vários nomes, vai (tudo da) qualidade. Que a couve, cada uma couve tem uma qualidade, e isso depois depende. Quer dizer que a gente passa por uma horta, vê um couval {fp}, diz: "Olha que rico couval"! Aos depois aquele couval {fp} tem diferentes: porque uma é {fp} branca, outra é lombarda, outra é riçada, outra [ABlé] é couve-flor – e tudo vai a palavra...; a primeira palavra é tudo "couve". Pois. Há diferente: outra é (a) couve [ABlde só] só de grelo, que é para espigar – ouviu? –, {fp} é diferente. (Ora vê)?

INQ1 ... Ou vou eu ou vais tu? Posso ser eu a continuar e vais lá tu com a senhora. Portanto, o senhor... Mas tem, quando tem uma couve que é, que não é bem o repolho, o repolho é couve branca, não é?

INF Pois. Couve, pois. {IPlta=Está} bem.

INQ1 Mas tem uma couve, mas não está contente, foi à... A sua mulher foi à praça e trouxe de lá uma couve e o senhor: "Ai, isto... Esta couve é muito pequenina"!

INF "Tal é este repolho o tamanho [ABlque este] deste repolho"! O repolho é pequeno. Se for grande, já a gente diz assim: "Que rica couve! {pp} Que rica couve"! E se for pequena: "Tal é este repolho"! "Isto não presta"! – parte das vezes. Que muita das vezes, a gente traz um repolho {pp} grande, pensa que ele que é bom, mas por dentro está oco. É por essa a razão que agora já não há enganar por isso: porque se compra a peso. Já se sabe que se for grande, mas vai {PHl=ao} peso, se não tiver peso, a gente diz logo: "Olhe, é muito grande, mas eu não a quero que pesa pouco". Já se sabe por dentro que não tem de comer.

INQ1 Pois.

INF E então naturalmente [ABlnão, não] não a quer. Que vai pesar uma pequenina, aquela é que pesa, já sabe que aquela é que tem que comer. Que é isso que (é) a diferença do peso – é muito razoável que seja assim.

INQ1 Então e quando o senhor goste muito, gosta muito da couve que está a comer, que diz assim...

Diz... Não diz: "Ai que rica couve"!

INF Pois não. Digo: [ABlQue po-]

INQ1 "Ai que rica"...

INF "Boa couve"! Pois.

INQ1 "Boa couve"!

INF (Eu) digo, {PHIsu'pɔɲɐmuʃ=suponhamos}: "Que boa couve"! Como posso dizer: "Que rica couve {pp} da horta de fulano"!

INQ1 Pois, pois. Olhe, e há outras coisas verdes que agora se comem, agora estão a aparecer, na Primavera...

INF [ABlNa Prima-] Na Primavera, há [ABlhá-se]...

INQ1 Que se tiram das couves.

INF De que se tiram agora? É o espigo. Pois. Que isso é o espigo.

INQ1 O espigo e o grelo é a mesma coisa?

INF É o espigo ou o grelo, pois.

INQ1 É a mesma coisa?

INF É a mesma coisa, que [ABlé {fp}] é depois de ela espigada {pp} é que faz aquilo.

INQ1 Como é que dizem? Espigo, não é?

INF É um espigo, pois. Ou espigo, ou: "Dê-me um molhinho de espigo", [ABlou um, ou um] ou: "um molho de grelo". Pois. Aquilo é tudo depois de ela espigada. {pp} Que aquilo já é apropriado [ABltu-] tudo para sopa.

INQ1 E há outra coisa com que se faz salada?

INF A salada, é a alface. {pp}

INQ1 Mas também se faz salada com mais coisas...

INF Há mais coisas. [ABlHá o, há o] Há o repolho branco.

INQ1 Mas para fazer salada...

INF O repolho branco também se faz.

INQ1 Também?

INF [ABlE há o] E há [ABlo] um nabo pequenino, que é [ABla{fp}] o rabanete, que também se faz salada.

INQ1 Espere aí. Já lá vamos... Nove, quinhentos... Está muito longe. Mas há outras coisas que crescem junto da água, que tem assim umas folhas pequeninas...

INF Ah! Isso é o agrião. Pois.

INQ1 Agrião.

INF O agrião.

INQ1 E outras coisas que até se faz com, também verdes, com as folhas compridas, que se faz com a sopa de grão ou do feijão...

INF Ah! É [ABlo{fp} ca-] o catacus.

INQ1 O quê?

INF Cacusos {pp}, com a folha comprida que se faz com o grão. [ABlQue é uma s-, que é]

INQ1 Para se fazer sopa?

INF Para fazer (a) sopa com grão [ABl(para)] – para cozer, com grão.

INQ1 E ainda há outra coisa verde que se põe na sopa...

INF [ABIE há] E há outra [ABlque, que é] que é a celga [ABlque] que essa é mais {RClapli-
=aplicada}...

INQ1 A quê?

INF Celga, que é mais {RClapli-=aplicada}... É (...) com o mesmo sistema. É um bocadinho diferente, até mesmo o gosto é diferente. Que essa é apropriada [ABlé para] é {CTlprç=para o} feijão.

INQ1 E então, e os espinafres?

INF [ABIE os] E os espinafres, pode ser aplicado é {CTlprç=para o} feijão, que é próprio, que é o...

Mas já isso é uma coisa mansa que se cria mais [ABlnas] nas hortas. E a outra [ABljá é] já se torna uma coisa brava. É brava já se cria assim {PHlç=ao} campo, como se cria outra coisa qualquer. O que é, é que [ABlé muito] é muito perguntado também.

Código de identificação do ficheiro: SRP20-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 06 lado: B min: 741-787	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A vinha e o vinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 20	Data da primeira transcrição: Fev.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Olhe, e como é que se chamam as folhas da, da parreira?

INF A gente aqui, são as folhas. Pois. Nós aqui, é a folha da parreira, {pp} é a folha. E assim tenho ouvido toda a vida. Pois. A folha duma parreira. Ou seja, a folha [ABlde] da parreira, diz a gente àquelas que são [ABlde, da] de armar em casa, onde se faz as tais parreiras para fazer o tal sombrais. Se for das outras, já a gente lhe diz [ABla{fp}] a folha da cepa. Pois. Já é a folha da cepa.

INQ2 Olhe e quando é preciso tirar as folhas que estão a mais?

INF As folhas quando estão a mais...

INQ2 Quando... Já, já não, não entram, não dá sol nas uvas, é preciso?...

INF Na uva, quando eu mais ou menos que vejo, aí em{fp} Agosto – que já duma vez fiz isso... Aí em Agosto é quando a gente vai dar a passagem a isso e quando, aquela que {IPlta=está} muito sombria {pp}, arranca-{PHlli=lhe} aquelas folhas...

INQ2 E como é que se diz? Que vai fazer o quê?

INF {fp} Vou desparrar. {pp} Isso, por acaso, isso foi um serviço que eu já fiz. {IPl'tivi=Estive} com um patrão que fiz isso. E, às vezes, há coisas que o fulano pode ver mas em {PHlnẽ=não} fazendo, {pp} não sabe, parte das vezes. Mas calhei {IPltar=estar} (aí) uma vez com um patrão e [ABle, e fo-] íamos fazer isso. Em Agosto, íamos fazer isso.

INQ2 Olhe e quando a parreira dá flor e começa assim a cair...

INF {fp} Tem que ser enxofrada.

INQ2 Começa a cair a flor, não cai?

INF Não. (Quando vai a) cair (essa) flor, mas... Depois quando a uva está vingada?!

INQ2 Não. Quando está em flor?

INF Ah! Quando está em flor? [ABlDe] De começar a cair? A gente o que diz: "Olha a flor está a cair! Terá falta de quê? Será enxoframento"? Pode ser falta de enxoframento.

Código de identificação do ficheiro: SRP21-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: 06 lado: B min: 879-960	Inquiridor2:
Assunto: A vinha e o vinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16A faixa: 21	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 E as uvas onde é que se põem para se levarem para?...

INF As uvas, há umas tinas apropriadas, em pequenas, que põem em cima [AB|duns] duns reboques ou umas camionetas, conforme os transportes houver. Pequenas, podem levar {fp} trezentos, quatrocentos quilos, como há outras que levam mais (e) outras que levam menos. (É mais) umas tinas de madeira... {pp} E chegam... Essas tinas de madeira, quando chegam às adegas, {pp} se aquilo for para caso de negócio, é pesada. Antes de ir [AB|para] {CT|pró=para o} moinho, é pesada. Porque já vão sabendo [AB|quantas] quantos quilos [AB|de] de uva vão pesando, quantos litros [AB|de] de uva pode produzir. E se for o próprio produtor, que (não for para coiso), [AB|não, não] não pesa. Chegou ali, despejou-o {CT|pra=para a} máquina, e a máquina foi moendo, e pronto, aquilo {pp} acabou. [AB|Há, há] Aí há duas maneiras. Pois.

INQ1 Portanto, as uvas, as uvas servem para fazer o quê?

INF {CT|pró=Para o} vinho.

INQ1 O senhor já viu alguma vez fazer vinho?

INF Por acaso já vi fazer.

INQ1 E onde é que era que se fazia?

INF Vi fazer e fiz. Foi na Suíça.

INQ1 Ai o senhor esteve na Suíça? Quanto tempo?

INF [AB|E foi só onde, onde] Foi só onde vi fazer. [AB|Há{fp}] Há dois anos que lá {IP|tivi=estive}.

INQ1 Esteve lá a trabalhar?

INF Estive lá a trabalhar com um produtor [AB|de] de vinha. [AB|E foi lá que] E foi lá onde (foi) a primeira vez [AB|onde] onde eu vi {pp} como se fazia o vinho.

INQ1 E esteve lá muito tempo?

INF {IP|tivi=Estive} lá dois anos com aquele patrão. Quer dizer que fui duas épocas. No Inverno voltei cá. Fui duas épocas. Pois. E ele [AB|tinha um] tinha {fp} uma fazendinha [AB|de] de vinha, é

claro, e fazia ele mesmo. E lá é que é que eu vi. Porque cá, nunca cheguei a trabalhar cá {pp} nessas coisas. E [AB|vi] vi lá, portanto, o mesmo feitio, mais ou menos que fazem lá, os sistemas {PH|'sẽnuʒ=são os} mesmos. E a gente vínhamos de lá com a uva, com as mesmas ditas tinas – a de madeira –, {pp} deitava-se para dentro da máquina, a máquina era eléctrica, moía. Depois de aquilo moer, levávamos aquilo para uma prancha – ouviu? –, era metida nos cinchos. E depois a prancha apertava e...

INQ1 Com que é que apertava... a prancha?

INF [AB|Com] Com a prancha apertava –ouviu? – {pp} e o vinho corria [AB|para uma outra] para umas outras tinas de madeira que eles ali tinham e dali conduzíamos com umas mangueiras... Lançava-se ali a mangueira, tinha um motorzinho pequenino, que aquilo era uma caixinha deste tamanho – (porque) /que\ tinha para aí dez ou quinze centímetros de quadrado –, uma caixazinha pequena, um motorzito, e aquilo conforme ele ia correndo para ali [AB|com] com uns tubozinhos, assim ia correndo lá [AB|para] logo {CT|pɔʃ=para os} potes grandes de conserva. E depois ele ia, conforme aquilo ia correndo o vinho, assim tinha ali umas...

Código de identificação do ficheiro: SRP22-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 07 lado: A min: 18-69	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A vinha e o vinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 01	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Depois aquilo tinha assim uma coisa que descia, com uma, uma pedra na ponta para...

INF É uma {fp}... Chama-se uma prancha.

INQ2 Uma?...

INF Uma prancha.

INQ1 E essa prancha estava presa assim numa...

INF [ABlEssa{fp}] Essa prancha [ABl~~era~~ tira-] era [ABlman-] mandada por meio de uma manivela [ABlcom] com um ferro metido ou fosse {fp}um bocado de madeira.

INQ1 Pois. Mas olhe, ela tinha assim uma?... Uma assim, uma espécie disto, isto é o quê?

INF Pois.

INQ1 Uma?...

INF Uma vara. Pois. {pp} E eram duas ou três pessoas a andar com aquilo à roda, e aquilo ia dando aqueles 'estralos', e (era) uma espécie duma rosca, ia rodando, ia apertando, ia apertando, ia apertando. Pois.

INQ1 E a vara girava, tinha assim uma?...

INF {fp} A vara [ABlgi-] girava. Era móvel. A gente tirava-a e (punha-a) /punha\.

INQ1 Pois. Mas e tinha assim uma rosca. Lembra-se como é que isso se chamava, assim uma coisa...?

INF [ABlTem o...] Para andar aquilo para baixo é por meio de rosca. Pois. Agora, o sítio [ABldaqui] onde [ABlse] se metia, tinha {fp}um caixilho – um caixilho assim como isto. A gente {fp} mete numa vara... Essa na Suíça, então, trabalhei eu, o primeiro ano, trabalhei assim. Pois. Na Suíça, trabalhei assim. Essa, essa foi assim como era cá no outro tempo, mas cá {pp} nunca [ABltra-, que-, se-] cheguei a trabalhar cá nessas. Mas lá trabalhei naquele. E no segundo ano quando {IP|tivi=estive} com aquele patrão, já foi (aí) eléctrico. Acabou com aquilo, que aquilo custava muito. Claro. Tem aquela caixa, a gente metia aqui, que era até era uma vara de ferro. Era em ferro. A gente metia-a aqui, punha-se... Isto era [ABlo{fp}] aquela parte da bacia – lhe chamavam eles, a bacia – {fp} com trinta centímetros assim de altura, e nós púnhamos aqui o vinho, ou, quer ver, o engaço da uva depois de {IP|tar=estar} pisado.

Púnhamo-lo aqui. Depois levava umas tábuas {pp} a atravessar, umas duma maneira, outras doutras, assim cruzadas. E depois levava [ABldois] dois barrotes – lhe chamavam eles; são dois bocados de pau – com uma diferença [ABlsu-], vá, {PHlsu'pɔŋɐmuɪ}=suponhamos} de quinze centímetros, para cada lado, {pp} por um metro de comprido, conforme fosse [ABla{fp}] a largura [ABlque a-] que aquele tabuleiro tem. Porque, o tabuleiro, há uns maiores do que outros: se for maior, mais despacho dá; se for mais pequeno, [ABldá] dá menos. {pp} Isso depende. Mas o feitio é igual. E depois a gente {pp} metia ali aquela parte [ABlda] da prancha. [ABl Tem um] Tem um bocado dum ferro, trazia-se abaixo – ouviu? – e o homem metia. Conforme ia rodando, ia andando à volta. Ia andando à volta e aquilo ia pregando um 'estralo': trás, trás! Ia rodando, ia passando a rosca e aquilo vinha descendo abaixo, vinha descendo abaixo. E o vinho vinha a correr para fora. Pois. Lá estava a tal dita tina de madeira a apará-lo. Se estava cheio, nós carregávamos com uma outra vasilha, com uns baldes, {CTlprɔ}=para os} potes.

INQ1 Exactamente. Já está?

INF Isso foi [ABlo que a gente] (o) que fiz [ABlno primeiro] no primeiro ano, com essa coisa da vara.

INQ1 Olhe, e depois o vinho quando ficava assim a, a ferver, como é que lhe... Não se lhe chama vinho ainda, pois não?

INF Pois não. [ABla gente, eles, eles lá] Eles lá [ABlcha-] chamavam-lhe o pé, {fp} a água-pé. Pois. Eles lá chamavam-{PHli=lhe} a água-pé [ABlquando ele] quando ele estava a ferver. E quando ele deixava de ferver, depois é que já passava {pp} {PHlɔ=ao} nome de vinho.

INQ1 Mas há outra palavra, sem ser água-pé, que se usa cá.

INQ2 Quando... está doce, e as crianças gostam muito de beber...

INF Há o mostro.

INQ2 Como?

INF É o mostro do vinho. Pois. Que é o doce!

Código de identificação do ficheiro: SRP23-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 07 lado: A min: 187-269	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A oliveira e o azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 02	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Aqui quais são, quais são, qual é a árvore que há aqui mais à volta de Serpa, aqui da vila?

INF {fp} Em qualidades de arvoredos mais [ABlem] em volta...

INQ1 Aquela que há aqui mais?

INF Que há aqui mais é a {fp} oliveira.

INQ1 A oliveira dá assim uns rebentos, não dá?

INF Pois dá, os rebentos.

INQ1 Como é que se chamam os rebentos da oliveira?

INF Isso {fp} os arrementos [ABlda] da oliveira, a gente chama-lhe o arrementão. Pois.

INQ1 Ah, mas aqueles que nascem no pé!?

INF No pé? Que seja no pé, que seja em qualquer [ABlda, da, da] da parte 'enflente' das pernas, a gente, é um arrementão. Pois. Agora, se for do pé, [ABle {fp}] e o pé [ABlde] da planta, se for de raseamento bravo, já a gente lhe chama um 'burrico'. Pois. Os pés de 'burrico' porque [ABlsão] são bravos. Passou para cima onde o tronco passa a ser manso, passa a arrementão.

INQ1 Não. É em baixo, é em baixo.

INF [ABlEm] Em baixo são os pés de 'burrico'. Pois.

INQ1 Pois. E quando se vai tirar, e quando se vão tirar esses 'burracos', como é que se chama a isso?

INF A gente chama: "Vamos a desburricar"!

INQ1 Olhe, e a flor... A oliveira dá uma flor, não dá?

INF Dá a flor. A gente chama-lhe é a flor da azeitona – que é o candeio. {pp} Porque a gente propriamente diz, aplica logo... Se vê uma oliveira com muita flor, a gente diz assim: "Que lindo candeio que esta árvore tem"!

INQ2 Que lindo quê?

INF Candeio. Pois. Quando se vê com muita flor – também.

INQ1 E se tiver, se agarrar assim numa flor, diz assim: "Ah, o que é que tens aí na mão"?, o senhor pode dizer: "Tenho aqui um candeio"!?

INF Não. A gente diz: "Tenho é (...) a flor [AB]da azei-, da, da] da azeitona". [AB]Isto{fp}]

INQ1 Pois. Pode-se dizer candeio, quando é a?...

INF O candeio, quando a árvore está completa.

INQ1 Pois. É a?...

INF Pois. Se a gente colher [AB]le {fp}] e o outro perguntar: "Isso, não sei o que é que tens {pp}"...

Exactamente, digo: "Tenho aqui a flor [AB]da] da azeitona na mão". "O que é que {IP}taç=estás

vendo"? "{IP}to=Estou] a ver se está falida ou não". Porque a azeitona, aquilo é uma

{PH}d]psi=espécie} dum 'botanito', é tal e qual como o bago de chumbo. Aquilo vem fechado.

INQ1 Como o quê?

INF Que é exactamente como o bago de chumbo, em redondo. Pois. Mas está fechado. E{fp} aquele

que abre, aquele que abrir – a gente vai ver se {IP}ta=está] aberto –, aquele que abrir, {IP}ta=está]

gerando azeitona. E se {IP}ti'ver=estiver] já uma caindo e outra cair fechada, e no mesmo dito ramo,

uma cai e a outra fica em cima e continua a {IP}tar=estar] fechado, é porque [AB]se] de facto

{IP}ta=está] toda falida. Porque se {IP}ti'ver=estiver] gerando a azeitona, aquilo abre. E vai abrindo –

aquilo é uma {PH}d]psi=espécie} dum cravo –, vai abrindo e lá fica a azeitona da banda de dentro.

Agora, se ela não abrir, então está falida. [AB]Nã t-, não tem] Não tem azeitona gerada.

INQ1 Olhe, e as oliveiras enxertam-se em quê?

INF É enxertado [AB]no] no próprio manso delas.

INQ1 Ou então também há uma árvore, uma coisa em que se costuma enxertar, não é, oliveira brava?

Como é que chamam?

INF A oliveira brava, pois. (O que é) /Porque\ a oliveira brava chama-se o zambujo. Pois. {pp} E da mansa, se vai tirar a brulha, depois depende as qualidades em que o patrão queira.

INQ1 Pois.

INQ2 Ainda não tem novecentos e oitenta e um.

INQ1 Que qualidades é que há de oliveira?

INF As qualidades que eu, mais ou menos, conheço...

INQ1 Rhum?

INQ2 Não tenho a novecentos e oitenta e um. Já disse, mas não tenho.

INQ1 Ah! Pois... Como é que se chama a fruta que a oliveira dá que a gente não percebeu?

INF {fp} Azeitona.

INQ1 Diga lá, diga lá.

INF As qualidades, conheço ou o verdeal, ou o cordovil, a maçanilha, é a gama, é o galego e é a carrasquinha {pp} [AB]le o{fp}] e o galego miudinho – que é esse que a gente {PH}li=lhe] chama o galego de Borba, que é um miudinho que há muito. Lá para baixo, nas áreas de Lisboa e Santarém, isso para aí é só tudo disso. Em se passando de Beja {CT}pra=para a] frente, já o que se vê é só tudo disso: o miudinho, pois – {pp} que (isso) /se\ lhe chama a gente o galego de Borba. (Indo) /E\ para aqui, é o vedonho grosso. Há estas {pp} seis qualidades.

INQ1 Olhe, quando... quando a azeitona já está madura, tem que se fazer o quê?

INF Quando a azeitona está madura, [ABlo que] o que se lhe faz {pp} é o varejo.

INQI Tem que se ir à?... Quando é no, quando é no, no trigo é a ceifa, não é?

INF É a ceifa.

INQI E quando é na azeitona?

INF {fp} "Vamos {PH|o=ao} varejo".

INQI Não se diz "à apanha"?

INF [ABIE a] Bom, nós vamos {PH|o=ao} varejo e as mulheres vão {PH|o=ao} apanho.

INQI Pois.

INF Aqui a palavra {CT|pr=para o} homem é uma maneira e para a mulher é outra. Pois.

INQI ... Está bem.

Código de identificação do ficheiro: SRP24-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 07 lado: A min: 280-338	Inquiridor2:
Assunto: A oliveira e o azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 03	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ Olhe, e depois há umas coisas assim para apanhar a azeitona, uma espécie dum?...

INF Há... Há um... Para apanhar?

INQ Pode-se apanhar assim à mão, também, de fazer assim, como é que se chama aquilo?

INF [AB|Isso, {pp} I-, isso é] Isso, à mão, tirada de cima das árvores à mão, chama-se a ripa.

INQ Chama-se?...

INF A ripa. "Vamos ripar azeitona".

INQ Vamos?...

INF "Vamos ripar azeitona".

INQ Ripar?

INF Ripar azeitona.

INQ Olhe, e depois põem-se assim uns, uns panos no chão, mais ou menos...

INF Põe-se. {fp} Põem-se {fp} uns panos [AB|di-]. E essa coisa, já a gente diz: "Vamos a pôr os panos".

INQ É panos que se chamam?

INF Panos. Os panos mesmo.

INQ Olhe, e depois a azeitona vai para aonde, vai para o lagar, não é?

INF Aquela azeitona vai {CT|põ=para o} lagar.

INQ E no lagar há assim umas... Como é que se chama aquilo?

INF É umas tulhas.

INQ Uma só é uma?...

INF É uma tulha.

INQ E da azeitona o que é que se tira?

INF E da azeitona sai [AB|o{fp}] o azeite.

INQ E depois a, a azeitona é, é moída, não é?

INF É moída.

INQ Aonde? Como é que se chama o sítio onde a azeitona é moída?

INF [ABIÉ o{fp}, que são o] Onde é moída é o moinho.

INQ Pois... Lembra-se dos moinhos das azeitonas que tinham assim uma, uma coisa de pedra?...

INF Desses, não.

INQ Pois. Não sabe como é que se chamavam aquelas coisas?...

INF Não. Disso, já não. Disso, já não. Desses, já não conheci.

INQ Pois.

INF Já conheci é destes agora [ABltudo] tudo a motores. Pois. [ABIQue aquilo já é de]

INQ ... Mas mesmo os de motores também têm uma pedra que roda, não é?

INF Pois têm. Têm (lá umas) pedras [ABlque é para, que é, que é] que é (para) /{CTlpra=para a}\ moer. Pois.

INQ Como é que se chama essa pedra? Como é que se chama essa pedra?

INF Que é a mó. Pois. [ABIQue são] Que são três mós. É feito de pião. Pois. Que são largas de um lado e morrem as três assim. Pois.

INQ De um lado... Pois. Olhe, então e depois, depois da, da azeitona moída, põe-se em cima dumas coisas, como é que se chamam?

INF [ABID-] Duns capachos.

INQ Pois. E como é que se chama a...? Capacho. E aquele que lá está em baixo, onde a gente limpou os pés é uma coisa dessas, não é?

INF {fp} É um capacho. É daquilo, é disso. É um capacho. Põe-se um, uma camada de azeitona – {pp} de massa! Que aquilo depois [ABljá deixa] já perde o{fp} nome de azeitona: já não é azeitona, é massa. Põe-se a massa. Põe-se uma camada de massa, põe-se um capacho. Põe-se outro, põe-se outro. Aquilo, mais ou menos, é conforme a altura que eles queiram. Põem dez, põem doze, põem quinze, conforme. Aquilo, se {PHlê'ver=houver} muito aperto, a azeitona (e a)... Por {PHlki=aqui} há a prancha que dá a altura para porem quinze, vinte capachos, põem. Isso, se {PHlê'ver=houver}, às vezes... Outras vezes [ABlnão há] não há vasilhas suficientes para dar o (espaço) /trespasso\ {PHlô=ao} azeite, já têm que pôr menos {pp} porção.

INQ Pois. Olhe, não se diz uma seira?

INF [ABIHá o] É o capacho. [ABIHá o] O capacho é aquilo e a seira é fechado. É que a seira é fechada. Aquela que {IPlta=está} ali em aberta é o capacho. E a seira... Aqui, agora, seira, já não fazem disso. Agora já é tudo capacho. É que a seira, é assim em volta, como está ali, mas tinha metade voltado para dentro. E ficava um 'ovamento' assim solto, por a banda de dentro. Pois. Pois. Que isso era a seira. E agora, a seira, isso já 'desexistiu'; agora já é só o capacho.

Código de identificação do ficheiro: SRP25-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 07 lado: A min: 417-449	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A farinha: moinho e panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 04	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Olhe, então e o trigo serve para fazer o quê?

INF O trigo serve para várias coisas. Conforme as qualidades do trigo, assim...

INQ1 Pois, está bem. Mas todo ele não se come, não se utiliza assim em grão, pois não?

INF Pois não.

INQ1 Primeiro de tudo, o que é que tem de se fazer?

INF [ABIPrimei-] Primeiro de tudo, [ABItem] tem de ser moído, ser feito em farinha.

INQ1 Pois. E é moído aonde?

INF Ora há-de ser nos moinhos ou seja...

INQ1 Um só é um?...

INF Um{fp} moinho.

INQ1 Pois. Que moinhos é que há aqui?

INF {fp} Moinhos?

INQ1 Moinhos mesmo, não é de fábrica.

INF Moinhos mesmo, {fp} bastantes havia! [ABIO que estão]

INQ1 Como é que eram? Eram de vento ou eram de água?

INF [ABINã-] Há aí de vento e há de água. E [ABIde] até de vento há aí um que trabalha.

INQ1 Ainda?

INF Acá na vila. Sim senhor.

INQ1 Aonde?

INF Acá na vila. Além à ponta da vila, daquele lado, {IPIta=está} além um que trabalha. Com (a) diferença que trabalha agora já porque já lá tem um motor.

INQ1 Oh!

INF [ABIMas tra-] Bom!

INQ1 Trabalha?

INF Mas está preparado! Trabalhou, agora já no meu tempo! Agora, aquele dono que o comprou {pp} viu que aquilo que lhe ficava caro com os panos – ouviu?; naturalmente, diz que aquilo que por jeitos que lançaram-lhe um imposto diferente, {IP|tẽw̃=estão} a ver?, um imposto diferente – e então comprou um motor e trabalha a motor, mas lá tem a dita... A armação lá está feita; o que {PH|li=lhe} tirou foi os panos.

INQ2 Mas podemos visitá-lo?

INF Pode. Então isso pode visitá-lo!

INQ2 Temos de lá ir.

INF Pois. {pp} Isso pode. Fica à ponta da vila, daquele lado. (Então,) /Até\ estão lá a trabalhar – o pessoal e tudo. {pp} Fornece a farinha aí [AB|para, {CT|pra=para a}] {CT|pra[=para as} casas de comércio, {pp} que vendem.

Código de identificação do ficheiro: SRP26-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: 07 lado: A min: 623-650	Inquiridor2:
Assunto: A farinha: moinho e panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 05	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ Há aqui uma latinha que faz um barulhinho, aqui ao dos lados.

INF Essa latinha {pp} é para quando se acaba aqui o trigo {pp},

INQ Como é que se chama?

INF cai para baixo essa lata. Se não me engano, parece ou é {fp}o guizo ou o chocalho que lhe eles dão. Pois. Que {fp} cai para baixo. Que depois começa [ABla t-] a trabalhar em cima da pedra: trrim-tim-tim-tim. (Porque isto em bem como) de noite, ({IP|tẽw̃=estão} chamando a qualquer coisa),

{IP|tẽw̃=estão} a dormir, (é isso aí): já se sabe que isto cai para baixo, faz uma barulheira disparatada.

Já sabem que aqui o trigo aqui que se acabou.

INQ Não chamam taramela?

INF Lá [ABlo] assim os nomes disso, [ABlnão, não tenho] não tenho assim [ABla] a certeza.

INQ Então e esta coisa aqui, o que é?

INF Esta parte aqui [ABlé] é a volta que eles têm, que é um pano, para tapar a farinha, {CT|pra=para a} farinha cair toda ali [ABlà] à rés. Senão a farinha [ABlde-] deita mãos a avoar. E mesmo assim avoa ela muito, {pp} que se agarra às paredes.

Código de identificação do ficheiro: SRP27-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 07 lado: B min: 226-296	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: Panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 06	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Olhe, então e depois o, aquilo fica cheio de cinza, não é, o forno, fica tudo...

INF Sim.

INQ1 E como é que se tira a cinza?

INF A cinza [ABlé] é tirado com um pano.

INQ1 Com um pano?

INF Com um pano.

INQ1 Lá de dentro?

INF Lá de dentro para fora.

INQ1 Mas naquele, nos fornos... Assim nos fornos grandes, que não se chega lá com o braço, há assim uma coisa assim, tem um, um cabo...

INF Tem.

INQ1 Tem assim um cabo.

INF Tem um cabo, tem uma vara.

INQ1 Pois. E depois aqui assim tem um, uma coisa assim...

INF (Pois).

INQ1 Para puxar.

INF {fp} [AB]Isso é o] Isso chama-se um rodo, que é para espalhar {fp} o borralho. [AB]Que é para esp-]

INQ2 Chama-se o quê?

INF Um rodo. Que é para espalhar o borralho. Para dar o calor igual.

INQ2 Se forem dois, são dois?...

INF São dois rodos. [AB]E com um] Que um serve depois novamente para juntar todo para um canto.

INQ1 Pois.

INF E depois é que vai então {fp}o varredor. Que se chama o varredor, que é {fp}uma roupa velhas, que eles pedem, que agora até esses fornos já acabaram em Serpa, que {IP}ta=está} tudo fechado. Já

não há fornos desses que funcionam. Quer dizer, minto. [ABlAinda] Ainda {PHltēi=estão aí} dois que funcionam. Havia aí muitos, mas já {IPlta=está} tudo fechado. Começou a aparecer este pão [ABlda] das padarias e esta coisa, de conduzirem o pão {CTlpaʃ=para os} comércios, e isso acabou. E então é que vai então [ABlo{fp} va-] o varredor [ABlque] que é esse dito pano – que eles até pediam a quem tinha roupas velhas {pp} – que atavam a uma dita vara e depois era molhado dentro de água e depois é que varriam então o solo com aquela cinza. Depois de aquilo bem varrido {pp} é que era o pão posto {pp} lá dentro.

INQ1 Olhe, então e o pão ia para o forno dentro de?... Ia e vinha na, em quê? Não era na mão, pois não?

INF Não. Ia [ABlno] nuns tabuleiros.

INQ1 Olhe e... Como é que se costumava pagar?... Como é que se pagava ao, à pessoa que tinha o forno?

INF A pessoa que tinha o forno, costumava-se a pagar um pão – um de cada quinze, se pagava um.

INQ1 E como é que se chamava a isso, a esse pagamento?

INF A esse pão, chamava-se-lhe uma poia. O nome próprio era uma poia. E agora já mudaram isso, mesmo esses poucos que estão, já lhe {PHl'femēw̃nɐ=chamam a} pitaça, que agora já {PHlnē=não} querem pão, agora querem dinheiro. Pagam, {PHlsu'poɲɐmuʃ=suponhamos}, cinco escudos, ou dez; conforme a porção {pp} de pães [ABlque] que lá vão, assim já pagam {fp} a pitaça. Mas o próprio é {fp} o nome... O próprio nome que existe enquanto existir fornos desses – (mesmo que ainda estão aí dois), ainda há gente que ainda lhe chama isso – é a poia. Se forem vinte pães {pp} que lá meter, paga dois; {pp} se forem vinte e cinco, paga dois; se for {PHlɔʃ=aos} trinta, paga três. Mas tem que ser um pão {pp} de quilo para cima, todo. Tem que ter de quilo para cima. [ABlMenos de um, me-]

INQ2 É de?... É de cada dez? De cada dez paga um?

INF Cada dez. Mas se alcançarmos quinze, às vezes são dez e às vezes são quinze... Se for um freguês que coza muito, também: {pp} "Olhe, com um pão {pp} dá"! Mas se for um freguês que parte das vezes [ABlque coza] que coza pouco, uma vez que vai, também não vai [ABla] a perdoar-lhe três ou quatro pães para lhe levar um por o mesmo. Diz assim: "Olha, paga dois"! Faz-lhe dez por um. Pois. Em dez, tira-lhe um, que lhe chama a poia.

INQ1 E a parte de baixo do pão, como é que se chama?

INF É o solo.

INQ1 E a parte dura do pão, por fora?

INF Por fora, é a {PHl'kojɔɐ=côdea}.

INQ1 E aquela mole lá por dentro?...

INF É o miolo.

INQ2 É o quê?

INF O miolo.

INQ1 E, e quando se está a partir o pão, caem assim umas coisinhas...

INF A gente lhe chama (os) /uns\ miolinhos.

INQ1 E os homens que fazem o pão, como é que se chamam? Um homem que faz pão?

INF [AB|Chama-se o {fp}] Um homem que faz pão chama-se um amassador.

INQ2 E o homem que vende o pão?

INF [AB|Que vende] Que vende o pão é um padeiro.

Código de identificação do ficheiro: SRP28-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 07 lado: A min: 578-596	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: O sobreiro e a cortiça	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 07	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 E depois o que é que se faz à, à cortiça? Põe-se em?...

INF A cortiça é posto em meda. Pois.

INQ2 Espera aí. Onde é que eu risquei agora uma, a boleta?

INQ1 Está mais para trás.

INQ2 Aonde?

INF {fp} [AB|Na-] Na outra qualidade... Pois. [AB|Aquilo]

INQ1 Então e como é que se chama a grande de?...

INF Porque [AB|a gran-] a grande de...

INQ2 Disse que era verdeal.

INF [AB|Po-, mas {fp}] Mas é que [AB|f-] falava-se, numa maneira, [AB|do] do azinho.

INQ1 Pois, pois.

INF Pois.

INQ2 A verdeal é do azinho?

INF [AB|É que, que] É que o azinho também tem verdeal como tem a outra. Pois. Que o azinho também tem as duas qualidades.

INQ1 Pois. Como é que se chama a grande da?...

INF A [AB|do] do coiso é o bastão –essa grada! Pois. E a outra miudinha é que é a 'holândia'!

Código de identificação do ficheiro: SRP29-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 08 lado: A min: 40-85	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: O pinheiro e a resina; o lenhador	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 08	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 A os pinheiros costuma-se fazer assim um corte e pôr assim um balde aqui...

INF Aquilo é para...

INQ1 Para aproveitar o quê?

INF {fp}A resina.

INQ1 Pois. E quando se está a fazer isso, o que é que se diz? Sabe como é que se chama a isso?

INF A fazer isso, não sei.

INQ1 ... E põem aqui assim uma coisa de barro, não é? Sabe como é que se chama... essa coisa?

INF (É o de barro). {pp} Aquilo é [ABlum{fp}] um jarrozito.

INQ1 E a resina serve para fazer o quê?

INF Calculo eu que deve ser aquilo aproveitado para tintas – para (grudamentos) de madeiras.

INQ1 Pois. Mas ainda fazem... Fazem outras coisas também. Olhe... os sapateiros o que é que usam para passar a linha?...

INF É aquela coisa da cola.

INQ1 Como é que se chama?

INF É a que chamam-lhe cola.

INQ1 Não. Para passar a linha. Eles passam assim a linha por uma coisa assim, para ficar, para a linha ficar dura, sabe? Já viu fazer?

INF Dura? É a cola.

INQ1 Uma coisa que eles têm na mão: há um que é o louro, outro que é o preto. Como é que isso se chama?

INF (É o) louro preto?

INQ1 O que é que?... Como é que se chama?

INF [ABlQue, que é o{fp}] Que é para enrijar a ponta.

INQ1 Como é que isso se chama?

INF Não tenho assim a lembrança. Nós, é a cola, é a cola. Não tenho assim, mais ou menos, a lembrança, bem verdadeiramente.

INQ1 *Não é o pez? Pez-louro?*

INF (Pés) /Pez\... (Pés-louro) /Pez-louro\...

INQ1 *Não lhe chamam pez?*

INQ2 *Sim. Olhe e um sítio onde há muitos pinheiros, como é que se chama?*

INF É um pinheiral.

INQ2 *O que é que?...*

[Corte na gravação original]

INF Acender o lume.

INQ2 *Com que é que fazem o lume?*

INF É com lenha.

INQ2 *Bom, estás a ver?! E como é que se chama um homem que anda a cortar a, que vai cortar a lenha?*

INF Chama-se {fp}um cortador.

INQ2 *Quando põe a lenha no lume, ela não é toda igual, pois não?*

INF Pois não.

INQ2 *Há umas que são maiores e outras que são mais pequenas.*

INF Mais pequenas.

INQ2 *Como é que chamam às maiores?*

INF Então aquela maior [ABlé {pp}] é a lenha comprida.

INQ2 *Pois... O senhor como é que diz à sua mulher? "Olha, chega-me aí"...*

INF "Essa lenha para cá". Pois.

INQ2 *Quando quer uma pequenina?*

INF {fp} "[AB|Dá cá] Dá-me aí essa{fp} lenha mais curta".

INQ2 *Não diz assim. Isso é muito complicado para dizer.*

INF "Dá-me essa lenha mais pequena".

INQ2 *Não diz: "Dá-me, dá-me essa cavaca ou esse"?*...

INF [AB|Se, se for] Se for [AB|por] por grossura, [AB|dá] diz: "Dá-me essa lenha delgada".

INQ1 *Não diz uma cavaca?*

INF Ah, [AB|há uma ca-] uma cavaca se diz a uma lenha que esteja {fp} grossa, que seja desdobrada, é que a gente lhe põe o nome de cavaca. Se for lenha toda redonda, {pp} [AB|já se não] já a gente não lhe põe cavaca. Só põe cavaca como este lápis: está assim; se a gente agora cortá-lo aqui – ou seja, {PH|o=ao} comprimento – e se o abrir {PH|o=ao} meio {pp}, como sendo a lenha, é que a gente já {PH|li=lhe} chama a cavaca. Se for a lenha que não é redonda, já não é cavaca.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INQ1 *E quando é, e se for ainda mais cortada?*

INF [AB|E quando, e se for] E se for [AB|mais] mais cortada, já a gente lhe pode chamar os 'corcodilhos'. Pois.

INQ1 Os...?

INQ2 ...?

INF Uns 'corcodilhozitos'. Pois. Porque é uma lenha curta [ABpara] própria para fogão.

INQ2 Mil, cento e nove.

Código de identificação do ficheiro: SRP30-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 08 lado: B min: 103-129	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: O gado ovino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 09	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Olhe, então e quando se capa os carneiros, o que é que lhes tira?

INF Aquilo tira-se os testículos.

INQ1 Os?...

INF Os testículos.

INQ1 É assim que dizem?

INF Os testículos ou propriamente {fp} os tomates. {pp}

INQ1 Olhe, então e a... No rebanho, depois há sempre um, um, uma ovelha mais velha ou um carneiro que é quem guia, não é?

INF Pois, há sempre.

INQ1 Como é que se chama?

INF Isso chama-se um cabresto. {pp}

INQ2 E a cria das ovelhas, como se chama?

INF Chama-se um borrego.

INQ1 E quando, quando acaba de nascer?

INF Quando acaba de nascer, é um borreguinho.

INQ1 É?...

INF Um borreguinho.

INQ2 E quando já, já é, já é mais crescido?

INF Bom, (por) ter já passado quinze dias ou mais, já a gente diz um borrego. Pois.

INQ2 E depois?

INF Vai sempre a borrego.

INQ2 Portanto, primeiro é borreguinho, depois é borrego...

INF Borreguinho quando nasce e ali enquanto é pequenino, a gente: "Ai, o borreguinho! Ai, o borreguinho! Ai, o borreguinho"! Depois, vai-se desenvolvendo, a gente já começa a alomear a um borrego.

INQ2 Depois já passa a quê?... Passa a um borrego ou?...

INF Mais ou menos, já [AB|pa-] passa {fp}a borrego, até, {PH|su'poɲɛmuʒɐ=suponhamos {fp}}, até a passar [AB|u-] uma Primavera por cima. Passou uma Primavera por cima, [AB|passa a] se for fêmea, passa a borrega.

INQ2 Borrega?

INF Borrega – ouviu? –, até a fazer um ano. Se for macho, passa a borrego até fazer um ano, (o) que seguiu {CT|prɔʒ=para os} dois anos, passou o borrego a malato {pp} [AB|e] e passou a borrega a malata. As duas letras são iguais. Só a diferença é o da palavra ser dita um para macho, e outro para fêmea.

INQ1 E depois dos dois anos?

INF Dos dois anos, ovelha! E seja ele macho, passar a carneiro!

Código de identificação do ficheiro: SRP31-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 08 lado: B min: 229-275	Inquiridor2:
Assunto: O gado caprino	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 10	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ Olhe, onde é que se guardam os, os chibos quando nascem?

INF Num corveiro.

INQ No?...

INF Num corveiro. {pp}

INQ O que é um corveiro?

INF Aquilo é feito de mato.

INQ Olhe lá, e quando depois os, os chibos crescem, há uns que ficam para cobrição e outros que não ficam, não é?

INF Pois.

INQ O que é que se tem de fazer aos que não ficam?

INF Os que não ficam, vendem-nos.

INQ Mas... antes de os vender?

INF Antes de os vender, quando chegou a altura [AB|de] de eles já [AB|nã-] não mamarem, andam à parte.

INQ Mas há uns que ficam inteiros, não é? Outros que ficam?...

INF Pois. E aqueles [AB|que] que eles vendem para fora, se – conforme for a época – se eles pensarem em terem-nos até terem cinco ou seis meses, capam-nos, que engordam mais. Pois.

INQ Portanto, têm que os ir?...

INF Capar.

INQ E depois de os terem... Depois disso, o chibo fica?...

INF Capado.

INQ Como é que se capa o chibo?

INF É capado com o mesmo sistema como se capa o borrego.

INQ Como é?

INF É a mesma coisa. Pode ser {fp} corto a bolsa {pp}, tirar o tomate para fora, como pode ser capado por meio dum fio. {pp} É atado cá à bolsa – (aquilo) é a bolsa –, e aquilo é atado cá em cima (com) o fio apertado, {pp} [ABle] e o sangue não gira para baixo {pp} e, por tempos, aquilo consegue a secar. É que secam dentro da bolsa; {PHInẽ=não} são tirados.

INQ Pois.

INF E há uma outra maneira de se capar com uma agulha. {pp} Mete-se um fio – um fio assim desta grossura, {pp} assim {PHIsu'pojɐmuɜ=suponhamos} da grossura dum fósforo –, com uma agulha; a gente apalpa ali com os dedos e {PHI'síti=sente} [ABla] 'acontra' a veia – contra a veia [ABldos, do, do] do tomate – e com a agulha atravessou aqui a veia. Passou dum lado ao outro. Chegou, [ABld-] deu um nozinho aqui [ABlno] no fio, deu outro nozinho deste lado, deu-lhe um golpe, cortou e deixou ficar. E aquele dito fio faz apodrecer {pp} a veia. E a veia descaiu, [ABldesde que] desde que apodreceu, caiu o testículo, (solto), para baixo para dentro da bolsa, [ABLE a bolsa] e o testículo secou-se. Não tem giramento. E então o testículo secou-se e a bolsa do animal ficou [ABlde] sempre do mesmo tamanho. Como pode ser aberto e tirados para fora!

INQ E quem é que costuma capar?

INF Propriamente, essa das coisas são mesmo os próprios moirais, que todos {fp} aprenderam a fazer essas coisas. Agora, estes modernos, não sei se saberão, se não. Mas noutro tempo, os moirais é que faziam isso. Os próprios que as guardavam é que faziam isso.

Código de identificação do ficheiro: SRP32-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: 08 lado: B min: 316-515	Inquiridor2: André Eliseu
Assunto: O leite e o queijo	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 11	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Aquela coisa que fica por cima do leite, depois de...

INF É a escuma.

INQ2 Não. Quando o leite fica assim dentro de uma vasilha, depois fica assim com uma, uma coisa amarela...

INF Amarela. [ABIÉ a ma{fp}-] É a manteiga do leite.

INQ1 E essa manteiga tira-se?

INF Tira-se.

INQ1 E põe-se aonde?

INF Tirado para [ABluma] uma outra vasilha.

INQ1 Como é que se chama essa vasilha?

INF É uma vasilha. Pode ser uma outra vasilha qualquer: pode ser um prato, pode ser um alguidar.

INQ1 Não há uma própria para isso?

INF {PHlna=Não}. Não, porque, a gente aqui, nem mesmo eles aproveitam, não fazem isso.

INQ2 Olhe lá, quando o leite ferve, e depois como é que?... Quando começa a ficar frio, começa a criar uma coisa por cima...

INF É a 'lisga'. É a 'lisga'.

INQ2 Então qual é a diferença entre a 'lisga' e a manteiga?

INF Porque{fp} [ABla] a manteiga é sem ele ser aquecido. Acabou-se de ordenhar, pôs-se o leite ali a pontos de arrefecer. Em ele arrefecendo, depois vem a manteiga (e) vem acima, que é o amarelo. E se por acaso, for leite que for fervido, já não faz isso. Faz a 'lisga' – ouviu? –, que faz a 'lisga'. Porque a manteiga fica logo cozida, fica toda caldeada. Tanto que o leite, em sendo fervido, fica mais grosso. E se não for fervido, [ABlnão fi-] não fica grosso. É por isso que está essa diferença: que é essa gordura que vem acima que caldeia com ele, porque coze.

INQ2 E costuma-se... aproveitar essa manteiga do leite?

INF Essa manteiga, aqui, [ABlnão, não] não aproveitam isso. Fazem tudo para queijo.

INQ2 Para?...

INF Para queijo.

INQ1 E como é que se faz o queijo?

INF [AB|O{fp}] Vai a um coalho.

INQ1 A um?...

INF A um coalho.

INQ2 O que é o coalho?

INQ1 Para?...

INF O coalho é para o leite se pôr grosso.

INQ2 Ou então para?... Cá não se diz doutra maneira?...

INF [AB|Vai pr-] Vai coalhar. Pois.

INQ1 E depois de coalhar, o que é que fica ali? Fica a...

INF Depois de coalhar, [AB|f-] fica a{fp} massa.

INQ1 Como é que se chama essa massa?

INF É a massa do queijo {pp} que se vai fazer.

INQ2 O que é, o que é o coalho?

INF O coalho é o leite estar {pp} simples – não é? – e depois meter dentro numa vasilha {pp} – {fp} um pote, {pp} ou seja de barro, ou seja de lata – e mete-se o cardo {pp} lá dentro – uma porção de cardo, que é umas ervas que se criam aí no campo, que deitam uma flor. Aquela flor é corta {pp} agora em Junho, que é quando dá aquela flor, que há muita gente que vai apanhar isso e depois casas que compram e têm essas coisas guardadas [AB|para] para agora neste tempo, quando produzem (aí) isso. Que o tempo de produzir é agora – que estão fazendo! Aqui em baixo, há uma casa dessas, que estão fazendo, aqui {PH|o=ao} pé do cinema, que faz ali queijo {pp} desse leite que vêm ali trazer, e quando o leite é passado, {pp} por mor [AB|das] das impurezas que traz. Chama-se aquilo o coalho! Põe-se- {PH|li=lhe} o cardo dentro, chama-se aquilo o coalho! E deita-se- {PH|li=lhe} sal. Chama-se aquilo coalhar: "Vou pôr o leite a coalhar". Depois quando {IP|ta=está} coalhado que já está duro [AB|le]...

INQ1 Depois já, depois que está quê?

INF Que está duro. Coalhado, mas tem que ficar duro. Tem que ficar num bloco só. Aquilo fica só num bloco. Depois é que é tirado novamente para fora {pp} para uma...

INQ2 Portanto, deixe-me lá só dizer uma coisa: o coalho é o leite com o cardo?

INF O leite com o cardo, pois. E [AB|de-] depois de {IP|tar=estar} coalhado, é que é tirado para se fazer os queijos.

INQ2 Pois. Mas nem tudo, nem toda essa massa se aproveita, pois não?

INF Aproveita-se toda.

INQ1 Então, mas há uma parte que fica molhada.

INF [AB|É, a ma-, a massa] A massa aproveita-se toda, agora...

INQ2 Mas há uma parte do coalho que não se aproveita.

INF Mas... Pois{fp}! Mas é que (ele) essa dita massa, depois de a massa se {IP|tar=estar} fabricando, é que vai aparecendo {pp}

INQ2 O quê?

INF o chorrilho – que se chama o chorrilho. {pp} É que enquanto a massa está ali, [AB]que {PHInẽ=não} que {PHInẽ=não} se está mexendo, {PHInẽ=não} tem água nenhuma separada. A água só se vê depois de a gente a fabricar. {pp} Quando se está fazendo os queijos é que a água começa a aparecer. Enquanto está ali, a gente olha ali {CT}prø=para o} pote, diz: "{IP}ta=Está} tudo coalhado"! {IP}ta=Está} tudo coalhado, mas depois de a tirar dali para fora é que a água começa a aparecer.

INQ2 Pois.

INQ1 Olhe, e com essa água... Essa água também serve para fazer outra coisa?

INF Essa água, faz-se almece.

INQ1 Como é que se faz o almece?

INF É posto {PH}l=ao} lume {pp} a cozer.

INQ1 E o que é que se põe dentro?

INF Não se põe nada.

INQ1 É só assim?

INF É só assim. [AB]Pode-se, para, para] Pode-se pôr uma coisa, [AB]se para] se querer que ele fique mais gostoso. E deixa-se-{PH}li=lhe} uma coisinha de leite {pp} e depois deita-se-{PH}li=lhe} para dentro, para ficar mais gostoso.

INQ1 Depois como é que se come esse almece?

INF Esse almece é comida {fp} e depois esse dito almece [AB]linda tem] ainda tem outra água, novamente, azul. Depois ainda tem outra água, azul! Ainda deita novamente essa... Esse almece ainda tem filhos, outra vez, novamente. Essa então é que já não vale então para nada.

INQ2 Como é que se chama essa água?

INF Essa água já é o azul – {pp} ouviu?

INQ1 Que giro!

INF Porque a primeira é o chorrilho e aquele é já [AB]lo} o azul do almece – que é completamente azulada, azulada, mesmo, mesmo, mesmo! {fp} Que essa é que já não tem aplicação nenhuma. {pp} E o próprio leite da ovelha é aproveitado: [AB]dá] dá dois aproveitamentos; e pela outra, dá três. Porque essa depois é aproveitado {CT}prøz=para os} animais.

INQ2 Qual?

INF [AB]Para ser] Pode ser para porcos.

INQ2 Mas qual, qual? O azul?

INF O azul. Pode ser para se dar a porcos. Serve para fazer [AB]luma] umas travias, para uma farinha para galinhas, que também lhe pegam que é uma beleza – muito bem! Que se lhes fizerem uma travia (ou 'couvão') {CT}pra3=para as} vacas, também lhe pegam, que lambem aquilo que é (uma beleza).

Para qualquer dos animais, comem aquilo bem feito em travia.

INQ1 O que é isso da travia?

INF {fp} Uma travia é com farinhas.

INQ1 É uma ração com farinhas?

INF É uma ração, feito ali, ali caldeado, {fp} chamam uma travia. Com essa dita. Aí é o último discurso que tem quem quer aproveitar; e quem {PHlnẽ=não} quer, deita fora.

INQ1 Olhe, e há outra coisa que se faz com o leite, com, também com o leite, mas é fervido... Que é preciso ferver o leite... Que... quer dizer, que se faz, que se coalha o leite depois de estar fervido.

INF Não, deste, não dou. Porque o leite {pp} coze, aquilo põe-se {PHlõ=ao} coalho. Para ferver, só se for... Se for para ferver só se for só [ABlpro-] propriamente só para fazer manteigas. Se for [ABlpara] {CTlprõ=para o} queijo, para fazer queijo, já {PHlnẽ=não} pode ser. Já não pode ser fervido, [ABlporque] porque o leite fervido já não fabrica. Pois.

INQ2 Olhe, depois... Depois quando se faz a... Faz-se o coalho, não é? Depois tira-se a massa e depois aquilo é, é mexido e não sei quê...

INF {fp} É mexido, pois.

INQ2 Pois. E depois sai aquela água mas a água ainda leva muito leite misturado, leva muito coalho misturado, não leva?

INF Não leva nada. Aqueles bocadinhos que (se) safam – ali à ponta da..., chama-se uma queijeira, donde aquilo é feito [ABlaquilo ap-] – aquilo aproveita-se tudo. Aquilo, conforme aqueles bocadinhos miudinhos vão safando, assim a gente com a mão {pp} vem-os apanhando e vem-os pondo ali em cima da outra.

INQ2 E o requeijão, como é que se faz?

INF O requeijão {pp} é feito do almece. Pois. O requeijão é feito do almece. Que é esse dito almece... Se a gente o quiser comer para sopa – com sopa –, faz-se o almece... Se se quiser comer com sopa, mete-lhe sopas dentro e come. Se não quiser, escorre-lhe a dita água toda, ali por um coador...

INQ2 Então qual é a diferença entre o chorrilho e o almece?

INF A diferença é (porque) /que\ o artigo é o mesmo. É que o mesmo dito chorrilho dá filho ainda. Pois. Que o chorrilho – o primeiro chorrilho – é filho do leite e essa água azul já é filho do chorrilho.

INQ1 Portanto, é neto do leite?

INF Pois, exactamente. Pois. É que é assim mesmo! E só aparece [ABlesse] essa água verde, novamente, esse azulamento dessa água [ABlse o almece for] se esse chorrilho [ABlfor] for cozido. Se o chorrilho não for cozido, não se sabe: só existe ali uma – uma qualidade. E se aquele for cozido, aparece outra qualidade ainda. Pois. E é daí depois que se vai fazer o requeijão.

INQ2 Vai-se fazer o?...

INF O requeijão. Pois. {pp} Escorrem essa água toda fora, e a massa que fica ali é que fazem então o requeijão – {pp} quem quer!

INQ2 Então e o atabefe?

INF E o atabefe é o leite {PHlõ=ao} lume. O atabefe deixa-se ferver além um bocadinho, mas isso é {CTlpa=para a} gente comer.

INQ2 Com o quê? Mas é também com o coalho?

INF Isso é com o leite. Isso não chega a coalhar. {pp} Põe-se o leite além {PHlõ=ao} lume e o leite da ovelha – [ABldo a] que a cabra não é preciso, mas o da ovelha tem que se ir mexendo – tem que se ir, com um pauzinho, tem que se ({PHlli=lhe}) ir mexendo, mexendo... Porque senão corta-se [ABle] e

coalha tal e qual pronto para fazer queijo. Mas para queijo {PHInẽ=não} presta, porque {PHInẽ=não} pode ser, porque {PHInẽ=não} se fabrica.

INQ2 Mas tem cardo?

INF Não tem cardo.

INQ2 Não tem cardo? É só o leite a cozer?

INF É só o leite a cozer. Mas tem que o {IPItar=estar} mexendo. {IPIta=Está} ali numa vasilha e a gente tem que {IPItar=estar} sempre assim a mexer, assim a mexer. E o lume, [ABlpouco] pouco lume. {IPItalu=Está-lo} a mexer, a mexer. E ele começa-se a pôr grosso e a gente vai-lhe metendo uma colher dentro, vai-lhe metendo uma colher dentro, e a gente a mexer. Em ele fazendo monco – como a gente quando está constipado, fica um bocadinho de ranho aqui pendurado – pendurado assim da colher é quando ele está bom. (Encheu, encheu) /Encheu cheio\; [ABItirou tu-] tirou o (toco); tirou-o para fora.

INQ1 E não se põe nada? Não se põe sal nem nada?

INF Põe-se uma coisinha de sal quem (gosta) /goste\. Quem gosta põe.

INQ1 Mas esse...

INF Quem não quer, [ABInão, não, não] não põe –

INQ1 Nunca comi.

INF ouviu?

INQ2 Olhe, então e depois a massa, é apertada dentro do quê?

INF [ABIDo, do] Dum cincho. Pois. {pp}

INQ2 Sabe o que é a francela?

INF A francela é o que se põe em cima.

INQ2 Ah!

INQ1 É o que se põe quê?

INF O que se põe em cima do queijo.

INQ2 Depois de o queijo já estar feito?

INF Quando o queijo se começa a fazer. Quando o queijo se põe [ABIna] no cincho... Acaba de se pôr a massa [ABIno] no cincho – que chama-se (depois) massa; depois já perde o nome de leite, passa para massa –, quando se põe no cincho –, põe-se- {PHIli=lhe} a francela em cima {pp}. Depois a gente {IPIta=está} ali um bocadinho, a francela vai fazendo aquele carão na massa, e depois a gente tira a francela e vai-o apertando com as mãos, vai-o apertando. Vai-o apertando – (a massa) /amassa\ com as mãos – e vem apertando o cincho. O cincho é assim, depois vem-o apertando. E tem um ganchinho que tem aqui uns buracos e esses buracos é por onde a água vai saindo. E a gente vai-o sempre apertando, vai-o apertando e vem vindo. Em fim dum bocado, em vendo que chega a pontos... Com as mãos, de a gente mexer, ele começa-se a pôr muito mole. Põe-se mole, a gente chega, prega com essa dita francela e põe a francela em cima outra vez, outro bocadito, para ele tomar {PHI'kojɔɛ=côdea}. E a gente descansa (ali) /além\ um bocado, {IPIta=está} descansando!

INQ1 Para ele tomar o quê?

INF {PHI'kojɔɛ=Côdea}.

INQ2 E o que é a francela?

INF A francela é feito de madeira {pp} de azinho.

INQ2 E é muito pesada?

INF É pesada, porque tem que ser [ABluma] uma madeira pesada. É de azinho.

INQ2 Mas esta é grande? É uma coisa grande ou uma coisa pequenina?

INF Aquilo, mais ou menos, pode dar quê? Pode dar assim, isto assim. Assim.

INQ2 E põe-se uma em cima de cada cincho ou põe-se em cima de vários?

INF Não. [ABlPo-] Põe-se uma em [ABlci-] cima de cada um. Em cima de cada cincho é uma. Pois.

Código de identificação do ficheiro: SRP33-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: 08 lado: B min: 602-655	Inquiridor2:
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 12	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ Não se diz pocilga?

INF [AB|O p-] O pocilga é {PH|pa=para} dormir.

INQ Para dormir?

INF Para dormir. Mas a engorda tem que ser... [AB|Têm] Têm que andar cá por fora. [AB|Que] Que a gente {fp} diz assim: "O porco de engorda vai {CT|pa=para a} rociada" – que é {CT|pa=para a} rociada! Que é o andar ali no campo, que o porco também tem que transitar um bocado. (Até) /Tem\ umas tantas horas [AB|vai] vai transitar – que a gente diz: "Vai transitar {CT|pa=para a} rociada" – e depois volta novamente a comer. Que o porco, quando se diz que {IP|ta=está} {CT|pra=para a} engorda, pelo menos de duas em duas horas tem que {IP|tar=estar} comendo. {pp}

INQ E o que é que se dá ao porco para ele engordar?

INF Para engordar, há [AB|'diferentas'] 'diferentas' comidas, conforme o{fp} dono queira o tempo em que ele leve a engordar. Pode ser com farinhas próprias, só de uma qualidade, que seja milho, como pode ser o milho feito em farinha, como pode ser a fava, só por si, deitada de molho para não escaldar {pp} a boca. Porque chega a pontos que faz doer o dente {PH|o=ao} animal. É um bocadinho deitada de molho, (ele) /a\ torna-se mais macio, o animal come mais – ouviu? Como pode ser o 'gramijo', como pode ser com (a) cevada, como pode ser com um{fp} trigo [AB|que] que {fp} seja ruim, que tenha muitas {PH|pru'ezê}=impurezas}, que não seja aceitado no celeiro – que mandam fazer em farinhas, juntamente, aquelas sementilhas e aquilo desfaz aquilo tudo, trás! Pode ser dado em seco, dentro dumas vasilhas, como pode ser feito em travia. {pp} [AB|E a] E a porção {pp} é conforme [AB|o] o dono tiver o compromisso, ou ele tenha falta do dinheiro. Diz assim: "Dentro [AB|de] de dois meses, tenho que pôr os porcos {pp} à matança". Chama-se deitar os porcos à terra. É quando eles {PH|'firmẽnu=firmam o} cu no chão que já se não são (capazes) /capaz\ de levantar. Digo: "O porco já {IP|ta=está} {CT|ku=com o} cu no chão que tem que se... Tem que ir {CT|pra=para a} matança". Tem

que deitá-los a terra. Enquanto eles andam por si, é porque estão leves. E quando o porco põe o cu no chão, que levanta as mãos só para cima, digo: "Prontos! Já se não pode dar mais comida porque ele já não põe mais carne e {PH|nã=não} aumenta mais". {IP|ta=Está} é {PH|prizi'kẽdu=prejudicando}. Porque come e não põe mais carne. E então, nessa altura, sentou o cu no chão, vai {CT|pra=para a} matança. Chegou-se {PH|o=ao} pé do comprador que {IP|ti'ver=estiver} comprometido: "Olhe, tenho lá então {pp} uma vara de porcos. Tenho quarenta, tenho cinquenta, tenho cem... {IP|tẽ=Estão} prontos a vender". "Quantas arrobas podem ter"? "Olhe, podem ter quatro, podem ter cinco... Vamos a pesá-los". Nessa altura são pesados {pp} e o dono {pp} aliviou-se dessa carne.

Código de identificação do ficheiro: SRP34-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: 08 lado: B min: 737-762	Inquiridor2: André Eliseu
Assunto: O porco	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 13	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 E ele como é que faz quando anda à procura de comida?

INF Quando pergunta a comida, rasteja... {pp} Rasteja {pp} com a venta. Pois. Pelo nariz {pp} é que rasteja à procura da comida. Pois. Se a comida está debaixo da terra, lá vai procurar com a tromba se a terra lhe dar...

INQ1 E chama-se rastejar a isso?

INF É o rastejar, porque o animal quando vai à procura da coisa vai sempre com a venta sempre baixa.

INQ2 Não se diz foçar?

INF Foçar é quando encontra (e depois come). Que depois quando encontra a comida que ele gosta, depois foça à pergunta dela. Mas primeiramente vai rastejando {PH|ç=ao} cheiro. Ele vai andando, vai rastejando, chegou ali encontrou o cheiro dum erva qualquer ou uma raiz que ele gostou, e então começou a foçar, arrancou a raiz da erva que é para ele a comer. Que há [AB|várias] várias ervas que eles gostam, {PH|nẽ=não} pegam na rama, e vão à pergunta da raiz. {pp} E então vai rastejando. Encontrou, começou a foçar, para descobrir a raiz para comer.

Código de identificação do ficheiro: SRP35-C	
Localidade: Serpa Distrito: Beja	Concelho: Serpa Data: Nov.74
Informante1: Aristómaco Idade: 50	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: 09 lado: B min: 01-55	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: A pesca	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 16B faixa: 14	Data da primeira transcrição: Mar.02 Data da revisão final: Jun.02

INQ1 Então, portanto eles estão sentados na, à beira, à beira do rio, e estão com uma coisa, estão à pesca de?...

INF {IP|tẽw̃=Estão} à pesca de anzol. Chama-se aquilo uma 'cibela'. E {PH|'teẽnẽ=têm a{fp}} [RPl]a cana na mão.

INQ2 Olhe, e o anzol?...

INF E o anzol está na ponta da roca.

INQ2 Olhe...

INF (Que) /Aquì é a roca, tem o anzol, depois tem o fio {pp} e que vem à cana.

INQ2 Olhe, e no anzol o que é que se põe, para apanhar o peixe?

INF [AB|Q{fp}] O que se põe? Põe-se uma minhoca.

INQ1 Uma?...

INQ2 Como é que se chama isso?

INF Uma minhoca. É mesmo o nome: uma minhoca. Que são uns bichinhos {pp} assim desta grossura {pp}

INQ2 Pois, eu sei.

INF que se criam debaixo da terra.

INQ2 Mas também se pode pôr uma mosca ou outra coisa qualquer...

INF Pode-se pôr, perfeitamente, mas aquilo é (o) que está [AB|mais] mais apropriado, que a bichareza 'aboquenta' mais – ou então, {fp} o peixe pequeno.

INQ2 Pois. E como é que se chama isso? Se é peixe pequeno, sem dizer se é peixe pequeno, se é minhoca, se é uma mosca, se é...

INF O que se chama, então, (isso) {fp} o que se chama é o seguinte. A gente: "Tu, do que é que [AB|{IP|ta}=estás] {IP|ta}=estás} pescando, pá"? "Ando aqui à pesca". "E então o que é que 'pusestes' {pp} na 'cibela' – ouviu? "Bom, pus daqueles peixes pequenos". Pois. [AB|Ou pus ou] Ou: "Pus uma minhoca". Que assim é a resposta.

INQ2 Pois.

INF Pois. Mas o peixe pequeno, geralmente quem põe isso – (que {PHli=lhe}) /aquilo\ dá muito trabalho – é [ABlo] o pescador. Aquele que é [AB]pesc-] pescador que pesca de rede, que tem umas redes apropriadas miudinhas, e apanham aquele peixe assim, mais ou menos, deste tamanho, {fp} e depois tiram uma quantidade deles que lhe faz falta para porem nos anzóis...

INQ2 Nos quê?

INF [ABIE ao] Para porem nos anzóis. E depois o resto, deitam-nos [AB]para] {CTlpra=para a} água. E cada vez que (querem) /queiram\ /queira\, apanham uns quantos e ficam... Agora para quem vai {pp} com [ABlum] um dia, para passar o tempo, que é um {FRlspört='sport'}, {pp} passar (por) /para\ um rio, chegou ali, levou o tal dito sacho, rhum?...

INQ2 Quê?

INF Um sacho. Levou um sachozinho na mão – cá está o tal dito sacho, a ferramenta que está aí –, levou um sachozinho, chegou ali (a umas) /nas\ areias, (rente) /rumo até\ /junto\ além [AB]àquelas] {pp} à água, que é onde há muito disso, e cavou até que descobre uma minhoca ou duas e pôs ali a minhoca {fp} e pronto. Apanhou logo umas quantas. Leva uma latinha {pp} ou qualquer uma vasilha, uma vasilhinha qualquer {pp} – 'superiores' –, assim uma caixa {pp} de papelão, qualquer coisa. Põe uma coisinha de areia e põe ali a minhoca. Para cada vez {pp} que deita aquilo fora... Que muitas das vezes há aqueles peixes 'pequerrichitos' – hem!? – e vão, comem a minhoca. E o grande – já vêem –, não encontrando nada, já [ABlnão] não come. Já não vai porque encontra o{fp} arame – aquilo é um arame – e então já não pica. E eles, volta e meia, têm que puxar aquilo para fora para ver {pp} se verdadeiramente tem (a) minhoca ou não tem. Porque muitas vezes aqueles pequenos (comem-os), e depois se é o caso que comem, têm que pôr {fp}, ou tornar a pôr, outra. E se há um peixe grande que vai, que engole aquilo, {pp} dá logo sinal. Porque eles têm uma bolha – chamam-lhe eles uma bolhazinha de cortiça, que está cá no fio – e desde que apanha um peixe grande, o peixe faz força e aquela bolhazinha de cortiça mete-se debaixo de água. Em eles vendo meter a cortiça debaixo de água, já sabem que há lá peixe preso. Pois. E então, começam a enrolar a roca. É uma roca que tem uma manivelazinha, começam a (enrolar) e depois a linha. Aquele dito fio é propriamente é uma linha. Antes era fio {pp} de carreto; e agora [AB]lé u-] é uma linha de {FRllajn=('line') /nylon\}. Agora é o {FRllajn=('line') /nylon\}. Pois. É uma linha de {FRllajn=('line') /nylon\}, que eles já vendem isso apropriado.

INQ1 É uma linha de?...

INF De {FRllajn=('line') /nylon\}. {pp} {FRllajn=('Line') /Nylon\}. Linha de {FRllajn=('line') /nylon\}.